



UC/FPCE — 2018

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Jovens pertencentes a juventudes políticas/partidos políticos e jovens voluntários: Um olhar sobre a violência entre parceiros íntimos

Ana Isabel Martins de Carvalho (e-mail: ana5a@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica – área de especialização em Psicoterapia Sistémica e Familiar, sob a orientação de Professora Doutora Maria Madalena de Carvalho

Jovens pertencentes a juventudes políticas/partidos políticos e jovens voluntários: Um olhar sobre a violência entre parceiros íntimos

Resumo:

O presente estudo tem como principal objetivo estudar as representações sociais de jovens com um papel ativo na sociedade, mais especificamente jovens pertencentes a juventudes políticas/partidos políticos e jovens voluntários, no que diz respeito à violência entre parceiros íntimos. Também foi estudada a utilização, pelos sujeitos, de táticas de resolução de conflitos nas suas relações íntimas.

A amostra do estudo tem um total de 87 indivíduos, sendo que 52 (59,8%) são voluntários e 35 (40,2%) fazem parte de juventudes partidárias ou partidos políticos. Administrámos um protocolo que contém as Escalas de Táticas de Conflito Revisadas (*The Revised Conflict Tactics Scales-CTS-2*), o Questionário de Violência Conjugal- Histórias (QRVC-HIS) e o Questionário de Violência Conjugal- Causas, Manutenção e Resolução (QVC-CMR).

Os resultados demonstraram uma baixa legitimação da violência entre parceiros íntimos. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos em estudo.

No que diz respeito às relações íntimas dos sujeitos, a maioria utiliza a tática de resolução *Negociação*. No entanto, os resultados são inquietantes dada a recorrência elevada a táticas de resolução de conflito violentas.

É demonstrada a existência de mitos e falta de conhecimento sobre a violência entre parceiros íntimos, apontando para a necessidade de formação sobre o tema.

Palavras-chave: Violência entre Parceiros Íntimos;
Representações Sociais; Juventudes Partidárias; Voluntariado; Ação
Cívica

Young people who belong to partisan youths/political parties and young volunteers: A look at intimate partner violence

Abstract:

The current study's main objective is to explore the social representations of young people who belong to partisan youths/political parties and young volunteers regarding intimate partner violence. The subjects' use of conflict resolution tactics in intimate relationships was also studied.

The sample consists of 87 subjects, of whom 59,8% are young people who belong to partisan youths/political parties and 40,2% are young volunteers. The protocol contains the Revised Conflict Tactics Scales (CTS-2), the Conjugal Violence-Stories Questionnaire (QRVC-HIS) and the Conjugal Violence-Causes, Maintenance and Resolution Questionnaire (QVC-CMR). The results reveal a low legitimation of violence among intimate partners and there were not found any significant differences statistically speaking among the two groups in study.

Regarding the subject's intimate relationships, it is revealed that most of them use the Negotiation tactic. However, the results are disturbing given the high recurrence to violent resolution tactics.

The data demonstrates the existence of some myths and lack of knowledge about the intimate partner violence and it would be useful for these young people to have more training about this subject.

Key Words: Intimate Partner Violence; Social Representations; Partisan Youths; Volunteers; Civic Action

Agradecimentos

“Se eu vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes”

Isaac Newton

À minha orientadora, Professora Doutora Maria Madalena Santos Torres Veiga de Carvalho, muito obrigada por toda a ajuda, rigor e motivação que me passou desde o início deste percurso.

Aos meus pais, muito obrigada por nunca me falharem.

A uma estrela que nunca se apaga, avó: sei que estás a ler isto. Obrigada por tanto.

Aos meus primos, Rafinha, Paula, Marta, Joana, Nano e Diana, **às minhas tias e à minha avó**: muito obrigada por me terem ajudado, principalmente no meu momento mais difícil.

Aos meus amigos de sempre, Paulinho, Ana Filipa, Diogo e Mouta: muito obrigada por “aturarem” todos os meus momentos menos bons e estarem sempre ao meu lado.

Às minhas amigas de Coimbra, Rita, Monty, Marta, Alexandra, Cláudia e Filipa: muito obrigada por todos os bons momentos que passamos e por todas as partilhas que me ajudaram a passar este ano de forma menos “pesada”.

Às mestres Lia Almeida e Stefanie Gomes: muito obrigada por toda a ajuda na realização da tese! Sem vocês teria sido muito mais difícil.

Aos meus colegas de mestrado: um grande obrigada pelos passos que demos nestes dois anos, por todas as partilhas e descobertas que realizámos juntos!

A todos aqueles que participarem neste estudo: muito obrigada! Sem vocês não teria sido possível.

Índice

Introdução	1
I. Enquadramento concetual	2
1.1 Violência entre Parceiros Íntimos	2
1.2 Representações Sociais	4
1.3 Exercício da cidadania	7
1.3.1 A democracia e a cidadania	7
1.3.2 Formação para a cidadania	8
1.4 Voluntariado e as Juventudes Políticas. O papel dos jovens.....	9
II. Objetivos	11
III. Metodologia	13
3.1 Amostra	13
3.2 Instrumentos	15
3.2.1 Questionário de Dados Sociodemográficos e Complementares.....	15
3.2.2 Questionário de Violência Conjugal - Causas, Manutenção e Resolução (QVC – CMR).....	16
3.2.3 Escala de Táticas de Conflitos.....	16
3.2.4 Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC – Histórias)	18
3.3 Procedimentos de Investigação.....	19
3.4 Procedimentos Estatísticos	20
IV. Resultados	21
4.1 Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução (QVC – CMR).....	21
4.2 Escalas de Táticas de Conflitos Revisadas (CTS-2).....	22
4.3 Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC – Histórias).....	23
4.4 Influência do sexo, faixa etária, zona de residência e estudantes-trabalhadores em relação às RS da VPI	24
4.4.1 Sexo.....	24
4.4.2 Faixa etária	25
4.4.3 Zona de residência	25
4.4.4 Estudantes-trabalhadores	25
4.5 Influência do sexo na utilização de táticas de resolução de conflitos	25
4.6 Correlações entre as RS da VPI e a utilização de táticas de resolução de conflitos.....	26
4.7 Influência de pertencer a uma juventude partidária/partido político e ser voluntário nas RS da VPI	26
4.8 Influência de pertencer a uma juventude partidária/partido político e de ser voluntário, na utilização de táticas de resolução de conflitos	27
4.9 Correlações entre as variadas táticas de resolução de conflitos – perpetração e vitimização.....	27

V. Discussão	28
5.1 Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos....	28
5.1.1 Questionário de Violência Conjugal - Histórias	28
5.1.2 Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução.....	31
5.2 Escalas de Táticas de Conflitos Revisadas (CTS-2).....	31
5.3 Influência do sexo, faixa etária, zona de residência e estudantes- trabalhadores nas RS da VPI	43
5.3.1 Sexo.....	43
5.3.2 Faixa etária e Zona de residência.....	36
5.3.3 Estudantes-Trabalhadores	37
5.4 Influência de pertencer a uma juventude partidária/partido político e de ser voluntário nas RS da VPI.....	39
5.5 Correlações entre as RS da VPI e a utilização de táticas de resolução de conflitos.....	39
5.6 Correlações entre as variadas táticas de resolução de conflitos – perpetração e vitimização.....	41
VI. Conclusões.....	42
Bibliografia.....	46
Anexos	51

Introdução

A violência pode ser concetualizada como “o uso intencional de força física ou poder, real ou como ameaça contra si próprio, outra pessoa, um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tem grande probabilidade de resultar em ferimentos, morte, danos psicológicos, desenvolvimento prejudicado ou privação” de acordo com a WHO (1996, como citado em WHO, 2014). A violência pode ser exercida de várias formas, como nos indica Esplugues (2004): emocional ou psicológica, física, sexual e económica. Em 2016 houve 9347 vítimas de crime, a maior parte mulheres com idade superior aos 18 anos, como refere o Relatório Anual da APAV (2016); 77% destes crimes envolve agressões psicológicas e físicas.

Este fenómeno pode originar consequências muito graves. As mulheres vítimas de VPI têm tendência a tentar o suicídio; por sua vez, os seus filhos têm mais probabilidade a não ter um percurso de educação e saúde adequados (OMS, 2012).

A violência pode ser manifestada de variados modos e em qualquer contexto, independentemente da classe social ou faixa etária. Os indivíduos ligados à política e ao voluntariado têm e poderão ter no futuro um papel muito importante no que a este assunto diz respeito; os primeiros porque debatem sobre temas relevantes na sociedade e podem legislar, e os segundos porque contactam mais diretamente com pessoas carenciadas a algum nível, sendo que entre estas poderão estar vítimas de VPI. Parece-nos de extrema importância investigar as Representações Sociais deste tipo de violência de jovens pertencentes a juventudes políticas/partidos políticos e jovens voluntários.

I. Enquadramento concetual

1.1 Violência entre Parceiros Íntimos

De acordo com a OMS (2012), citando Heise e Garcia-Moreno (2002) e Jewkes, Sen e Garcia-Moreno (2002), o conceito *violência entre parceiros íntimos* (VPI) baseia-se em ações que têm lugar no seio de uma relação íntima ou contra alguém com quem o agressor já teve uma relação íntima, das quais resulta dano psicológico, sexual e físico, incluindo comportamentos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico, assim como comportamentos com o objetivo de controlar o outro. A VPI ocorre, muitas vezes, no contexto da coabitação ou casamento.

No nosso país a VPI está consagrada no Código Penal (Artigo 152º) como crime autónomo, sendo puníveis todas as condutas que inflijam maus tratos físicos ou psicológicos, incluindo os castigos corporais, privações de liberdade e ofensas sexuais.

Segundo o Relatório Anual da APAV, registaram-se 9347 vítimas de crime em 2016, sendo que a maior parte destas foram mulheres com mais de 18 anos. O perfil da vítima é: sexo feminino (81,9%); idade média de 49,9 anos; casado(a) (28,6%); solteiro (21,1%); família nuclear com filhos(as) (35,1%); 16,7% com a escolaridade de 3º ciclo, secundário ou superior; empregado (28,7%); desempregado (16%); relação com o autor do crime: cônjuge (26,3%), companheiro/a (12,9%), filho/a (9%), pai/mãe (8,8%), ex-companheiro/a (8,4%).

A violência pode-se manifestar de vários modos, existindo violência física, psicológica ou emocional, sexual e económica (Esplugues, 2004). Em relação à violência física, Mouzo e Makkai (2004), citados por Neves (2008), referem que esta envolve tanto as agressões físicas como as tentativas ou ameaças de uso da força física. A violência psicológica/emocional é expressa, segundo Esplugues

(2004), por insultos, ofensas, atitudes de desprezo, manipulação, controlo, entre outros. Segundo Conti (1998, como citado em Neves, 2008) antes de a violência física e sexual surgirem, existe já, na maior parte das vezes, violência psicológica. A violência sexual pode ser concetualizada, segundo Jewkes, Garcia-Moreno e Sen (2002, como citado em Neves, 2008), como qualquer ato sexual, esforço para obter sende tráfico sexual, através da coação, tentativa ou utilização da força física por qualquer pessoa que tenha uma relação com a vítima. Por último, a violência económica diz respeito à utilização do dinheiro e dos bens materiais de modo abusivo.

Esplugues (2004) descreve a dinâmica da violência como sendo cíclica: a interação entre agressor e vítima passa por fases de acalmia e outras de crise, sendo que o comportamento do agressor é diferente em cada uma delas, passando de muito agressivo a afetuoso e arrependido. Isto, conjuntamente com fatores como a dependência emocional e económica, os filhos, a pressão social e o medo do futuro, levam ao prosseguimento de relações não saudáveis.

Neves (2008) refere que nos anos 80 se assistiu a uma mudança de perspetiva naquilo que se entendia por violência familiar, deixando esta de ser perspetivada como um processo normativo nas relações familiares, para passar a ser percebida como uma função da estrutura familiar tradicional e de demarcação de papéis de género (como citado em Mears, 2003).

É importante referir as consequências da VPI. De acordo com a OMS (2012), as mulheres que foram vítimas de violência pelo parceiro íntimo, têm mais probabilidade de serem menos saudáveis, de sofrerem mais emocionalmente e de tentarem o suicídio; os seus filhos, por sua vez, tendem a ter um percurso de saúde e educação mais precários.

Sugg (1992, como citado em Sosa, 2013) concluiu, realizando pesquisa no México e EUA, que se assiste a uma insegurança no que diz respeito aos mecanismos técnicos, legais e sociais que existem

para fazer frente à VPI.

De acordo com um estudo internacional de Straus (2004), realizado em 31 universidades de 16 países, registaram-se índices de violência em todas as universidades. No que diz respeito ao abuso físico severo, os resultados mostram que as três universidades com valores superiores registaram uma percentagem de 20%, e aquelas com valor inferior, um pouco acima dos 4%. Este estudo encontrou ainda aspetos similares entre todas as universidades, especialmente naquilo que concerne à violência física no namoro, que obteve uma percentagem elevada por ambos os sexos.

1.2 Representações sociais

Segundo Spink (1993), referindo-se a Jodelet (1985), as representações sociais ajudam a construir uma realidade comum que por seu lado, vai motivar a comunicação, dado que são partilhadas e elaboradas socialmente. Como nos diz Spink (1993), as representações sociais apenas podem ser entendidas ligadas à sua origem e aos processos da realidade social. Para Porto (2006), as representações sociais orientam os comportamentos e auxiliam a elaborar a realidade.

Spink (1993) aborda também o conceito de imaginário social, definido por Geertz (1978) como “a teia de significados tecidos pelo homem ao longo da história da espécie” (como citado em Spink, 1993). Ou seja, o imaginário social constitui, segundo esta perspetiva, o total de produções culturais existentes numa certa sociedade segundo vários modos como a iconografia, a literatura, canções, provérbios, mitos. Deste modo, e como nos indica Porto (2006), aquilo que é definido como violência depende das representações da mesma por quem a está a definir, assim como das características sociais do contexto em que é definida. Segundo este autor, as representações sociais não só orientam as condutas dos indivíduos, como podem servir de base e justificar políticas públicas.

De acordo com um estudo de Postmus e colaboradores (2011), 44% de estudantes de Serviço Social, no âmbito do seu trabalho, nunca ou raramente realizam o rastreio de violência doméstica e abuso sexual. Os estudantes com mais experiência profissional, formação e idade têm menos crenças legitimadoras e menos crença em fatores que culpabilizem as vítimas. Estes autores são da opinião de que os técnicos devem ter formação adequada para realizar um trabalho eficaz junto das vítimas.

De acordo com uma investigação de Paiva (2010), que estudou uma amostra de estudantes do MIP-UC, os alunos do 1º ano, em comparação com os do 5º ano, mostram-se mais tolerantes no que diz respeito à violência conjugal, sendo que as alunas legitimam menos. Tais resultados servem também de alerta para a formação no âmbito deste tipo de violência, recebida no contexto do MIP (Mestrado Integrado em Psicologia).

Lendo os resultados por si obtidos, Spilker (2014) verifica que há uma baixa legitimação por parte dos estudantes de medicina e médicos portugueses, mas elevados valores de perpetração e vitimização de violência nas relações íntimas dos sujeitos que responderam aos questionários. Aqueles sujeitos que receberam formação sobre a VPI legitimam menos a violência, o que o leva a defender que necessário que se criem formações para estes profissionais e futuros profissionais.

De acordo com o estudo de Vasconcelos (2014), sobre as representações sociais da VPI numa amostra de estudantes de saúde, serviço social e militares, com foco sobretudo na variável sexo, existe uma baixa legitimação dos estudantes em relação à VPI, sendo que os homens apresentam maiores níveis de legitimação do que as mulheres. No que diz respeito às relações íntimas atuais, foram encontrados níveis de violência elevados, sendo a perpetração e vitimização maior por parte das mulheres. Em relação à formação, aqueles que a tiveram revelaram menores índices de legitimação.

Como nos indica uma investigação realizada por Silva (2015), há uma baixa legitimação da VPI nos enfermeiros e assistentes sociais analisados. No que diz respeito à formação, 60,4% nunca a teve e 89,9% considera-a importante. Mais uma vez, estes resultados sugerem que se devia investir na formação.

Cruz (2014), com uma amostra de 156 sujeitos, pretendeu analisar as representações sociais de profissionais de saúde no que diz respeito à VPI, assim como a relação entre as representações sociais e a vivência da violência, verificando que o sexo masculino apresenta uma maior legitimação da violência. No que diz respeito à relação entre legitimação da violência e a vivência da mesma nas relações conjugais, foram encontradas correlações fortes tanto no sexo feminino como no masculino.

Numa investigação com uma amostra da população geral ($N=276$), recolhida em Portugal Continental e na Madeira, verificou-se que a população geral legitima pouco a violência conjugal, sendo que a amostra da Madeira demonstra maior aceitação da VPI (Aguilar, 2010).

Alves, Amâncio e Alferes (2008), desejaram compreender os padrões sexuais pré-matrimoniais a nível individual e social e estudá-los tendo em conta o sexo, religião e posicionamento político, com 308 alunos universitários. Concluíram que há uma tendência para a adesão ao duplo-padrão sexual nos vários grupos políticos e religiosos, tanto individual com socialmente, e que os jovens com ideias políticas mais à esquerda, em comparação com aqueles mais à direita, demonstram maior aceitação no que diz respeito a relações com um parceiro com muita experiência sexual. Do mesmo modo, Alves, Amâncio e Alferes (2008) apontam que há estudos que indicam existir uma relação entre as atitudes políticas e a vivência da sexualidade na juventude. Por exemplo, Alferes (1997) refere que os jovens que se posicionam à esquerda, no âmbito político, revelam uma maior permissividade.

1.3 Exercício da Cidadania

1.3.1 A democracia e a cidadania

Segundo Bonet (2014), citando Brito e colaboradores (2008), a palavra *democracia* provém do grego *demos* (povo) e *kratein* (governo), tendo o seu berço na Grécia no século V a.c. A democracia tinha como base três direitos dos cidadãos: “igualdade, liberdade e participação no poder”. Fonseca (2001), citando Janowitz (1991), informa-nos que tal conceito é complexo. A cidadania é um conjunto de direitos e obrigações que as pessoas de um determinado estado têm. Citando Marshall e Amorim (2007), Oliveira (2011) escreve que a cidadania tem três tipos de direitos: civis, políticos e sociais. Aqui interessa-nos sobretudo os políticos, através dos quais as pessoas podem exercer e expressar o que pensam na vida política.

A democracia forma-se segundo as normas, disposições e oportunidades que a cidadania possui para difundir opiniões, associar-se, intervir nos assuntos públicos, eleger e ser eleita (Álvarez-Torres & Monsiváis-Carrillo, 2015).

Fonseca (2001) diz-nos que 1989 foi um ano muito importante para a cidadania, dado que caiu o muro de Berlim. Citando Fukuyama (1992), observa que este marco provocou transformações a nível económico (economia livre de mercado), político (Estado liberal de Direito) e de valores associados a estes.

Para Fonseca (2001) o conceito de cidadania tem tido um maior relevo desde o pós Guerra Fria. O conceito de “cidadão” terminou com aquele de “classe social” e centrou nele a chave para resolver os problemas sociais, que tiveram um âmbito novo, como o da emancipação da mulher, do estabelecimento de uma sociedade civil com voz, entre outros. Este autor refere também que a ideia de cidadania atraiu o mundo da política.

Citando Steenbergen (1994), Fonseca (2001) relata que um

cidadão é governado mas também governa, pelo que é esperado, que tenha autonomia, competência para julgar e sentido de lealdade para com a unidade política em causa. Hoje em dia é esperado que o cidadão seja participativo na vida pública. Relacionado com este ponto, esta autora cita Habermas (1992), dizendo que “as instituições de liberdade constitucional apenas valem aquilo que a população delas faz” (p. 12). De acordo com Fonseca (2001), o bem-estar da democracia não se mede apenas pela justiça daquilo em que ela se baseia e nas competências daqueles que a governam, mas também pelos indivíduos que dela fazem parte. Tal pode ser visto, por exemplo, nas elevadas taxas de abstenção nas eleições. Por este motivo é tão importante o sentido de pertencer ou não a uma determinada sociedade, assim como a capacidade dos indivíduos de tolerar a diferença e a sua motivação para participar na política.

1.3.2 Formação para a cidadania

A educação democrática é um importante meio de educação moral e de avanço cognitivo da criança, social e político do jovem (Lickona, 1994, como citado em Fonseca, 2001). Tal educação, para ser útil, de acordo com Fonseca (2001) implica muito mais um ensino prático do que teórico, dado que a ação dos cidadãos é muito importante.

Parker (2006, como citado em Lo, 2017) sugere que as discussões na sala de aula motivariam os estudantes a perspetivar os outros como amigos políticos, e que este tipo de atividades podem constituir versões mais pequenas de deliberações democráticas, onde os estudantes escutam e dialogam uns com os outros, sendo que a meta essencial é que estes indivíduos desenvolvam um sentido de “outros” para que se alcance mais igualdade e se encontrem mais aspetos em comum entre eles.

Ainda segundo Lo (2017), ao participarem nestas atividades, os estudantes oriundos de contextos diferentes podem, em conjunto,

encontrar princípios de justiça e modos de agir úteis para a comunidade, sem colocar em causa aquilo em que acreditam. Ao lidar com os conflitos existentes numa sociedade diversa, os alunos podem descobrir as relações de poder que são inerentes a esses mesmos conflitos e empoderarem-se, tomando uma atitude e agindo (Lo, 2017).

Oliveira (2011) também refere que o papel da escola deve passar mais pelo incentivo aos alunos no pensamento crítico e participação equilibrada e pensada, colocando-os a pensar sobre regras e tarefas, para que deste modo possam passar por experiências de cidadania, e não tanto na passagem de conhecimentos/conteúdos.

Em relação aos programas curriculares escolares, há autores, como Sprague e colaboradores (2013), que defendem a inclusão do tema da violência doméstica nos planos curriculares e nos programas de formação de medicina, para desmitificar crenças e elevar a sensibilização em relação às consequências deste tipo de violência.

1.4 Voluntariado e as Juventudes Políticas. O papel dos jovens

Desde a década de 60 aumentou o número e visibilidade de instituições voluntárias, não lucrativas (Fonseca, 2001). Esta autora, citando Leat (1996), refere que foi incrementado o interesse por este mundo, e estas instituições adquiriram um papel mais relevante no que diz respeito ao ambiente sociopolítico, ao mesmo tempo que se enquadravam fora do âmbito religioso.

Ainda de acordo com Fonseca (2001), foram investigadas duas variáveis em relação à probabilidade de se participar em atividades voluntárias: idade e género. No que à idade diz respeito, assistimos a uma descida de participação na passagem da adolescência para a idade adulta jovem. Já os indivíduos de meia-idade tendem a participar. No que se refere ao género, enquanto nos Estados Unidos da América existem mais mulheres voluntárias, na Europa há mais homens a fazer

voluntariado. Segundo esta autora, o voluntariado tem uma forte vertente social, sendo portanto um instrumento muito útil à sociedade, no sentido em que é um corpo de ensino e formação, contribuindo para a socialização; a um nível macro, o voluntariado leva a que os indivíduos vejam mais além no que diz respeito à sociedade, e leva-os a conhecer grupos que podem não ter tido oportunidade de conhecer devido ao seu estatuto social, assim como faz com que reflitam sobre assuntos políticos, económicos e sociais, tornando-os mais aptos a liderar e a interagir (Fonseca, 2001).

Em conformidade com Fonseca (2001), o fator que mais contribui para a propensão ao voluntarismo é o grau de educação, o que pode ser explicado pelo facto deste contribuir para o incremento da noção das problemáticas da sociedade, assim como o aumento das competências relacionadas à empatia e solidificação da autoconfiança. Fonseca (2001) refere ainda que, outro fator que contribui para a propensão para o voluntariado é o dispor de redes sociais de apoio alargadas, assim como fazer parte de várias organizações e ter sido voluntário previamente. Esta autora, ao citar Yates e Youniss (1999), enuncia que o padrão da juventude euro-americana é composto por indivíduos recetivos ao altruísmo e ao idealismo, quando têm a formação devida para tal e quando lhes são concedidas oportunidades.

Para Peterson e Seligman (2004) o voluntariado traz vários benefícios aos jovens, tais como um aumento da autoaceitação e identidade cívica (como citado em Rodrigues, 2010). Citando Wilson (2000), Rodrigues (2010) refere que os voluntários costumam lutar contra o comportamento antissocial através da ajuda aos outros e conectando-se mais à comunidade. Hanks (1981, como citado em Rodrigues, 2010) refere que ao lidar com problemas sociais diários, os jovens adquirem competências para atuar politicamente.

As juventudes políticas são outro meio muito importante de formação cívica e participação política. Segundo Álvarez-Torres e Monsiváis-Carrillo (2015), a participação dos jovens na política é

importante porque faz com que estes sejam parte dos problemas sociais e motiva o fortalecimento dos valores democráticos no tempo.

De acordo com Ferreira (2012), citando Recchi (1996), as secções de juventude funcionam como um exercício através da qual os indivíduos podem praticar papéis de liderança. A mesma autora cita ainda Hooghe e colaboradores (2006), que referem que as secções de juventude são muito importantes porque permitem que os jovens se integrem na vida política e permite que adquiram várias competências. Ferreira (2012), citando um estudo de Hooghe, Stolle e Stouthuysen (2004), constatou que as secções de juventudes dos partidos Democrata Cristão, Socialista e Liberal têm um papel relevante no surgir de dirigentes políticos. Veja-se o caso de Portugal, em que Pedro Passos Coelho e António José Seguro foram líderes de juventudes partidárias.

Lo (2017) conclui dizendo que o futuro da democracia está sempre nas decisões dos seus cidadãos e como estes lidam com os conflitos que nascem das diferenças, sendo que os jovens necessitam de oportunidades para contactar com os assuntos políticos e as suas diferentes perspetivas para que possam entrar verdadeiramente na política.

II. Objetivos:

O presente estudo tem como **principal objetivo** avaliar as representações sociais (RS) da violência entre parceiros íntimos (VPI), numa amostra de jovens pertencentes a juventudes/partidos políticos e jovens voluntários.

Os **objetivos específicos** da presente investigação são:

- Investigar a eventual influência moderadora de algumas variáveis sociodemográficas nas Representações Sociais da VPI (sexo, idade, zona de residência);
- Investigar as diferenças entre os sexos em relação à utilização de táticas de resolução de conflitos, no âmbito das relações íntimas

dos sujeitos;

- Explorar a correlação entre as RS da VPI e a utilização de táticas de resolução de conflitos, no âmbito das relações íntimas dos sujeitos;

- Investigar as diferenças entre os dois grupos em estudo (jovens pertencentes a juventudes/partidos políticos e jovens voluntários) em relação às RS da VPI;

- Investigar as diferenças entre os dois grupos em estudo (jovens pertencentes a juventudes/partidos políticos e jovens voluntários) na utilização de táticas de resolução de conflitos, no âmbito das relações íntimas dos sujeitos;

- Investigar as correlações entre as variadas táticas de resolução de conflito – perpetração e vitimização.

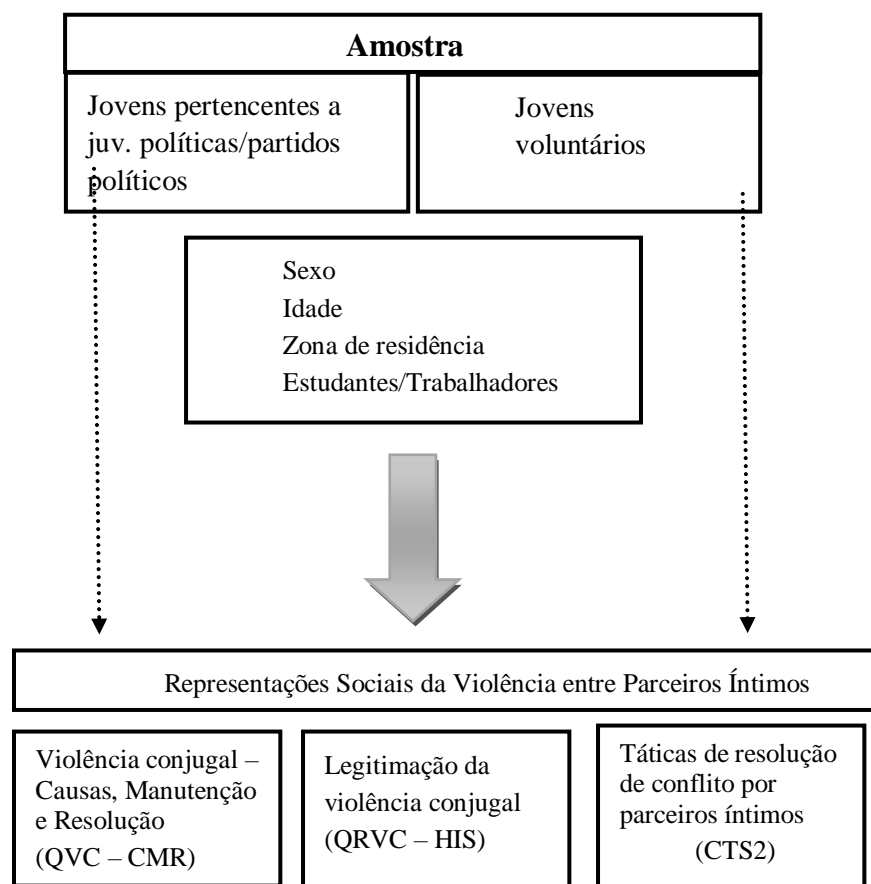


Figura 1: Mapa conceitual hipotético das relações entre as variáveis em estudo.

III – Metodologia

3.1 Amostra

A amostra tem um total de 87 indivíduos, sendo 52 (59,8%) voluntários e 35 (40,2%) fazem parte de juventudes partidárias ou partidos políticos. Na sua maioria a amostra é constituída por indivíduos do sexo feminino ($n=66$; 75,9%). Os sujeitos têm entre 16 e 30 anos, e a faixa etária mais presente é a dos 19 aos 25 anos (72,4%).

Os indivíduos habitam, na sua maioria, na zona centro (51,7%).¹ No que concerne ao estado civil, 66,6% dos indivíduos encontram-se numa relação e 33,3%, sendo que 97,7% dos participantes são solteiros e 2,3%, casados. Em relação à afiliação religiosa, 39 sujeitos (44.8%) afirmam não ser crentes em Deus, 33 (37.9%) são crentes católicos não praticantes e 15 (17.2%) são crentes católicos praticantes.

Cinco dos jovens pertencentes a juventudes políticas não especificaram a qual juventude/partido pertencem. Dos restantes 47 indivíduos deste grupo, 21 (24.1%) faz parte da JS/PS; 12 (13.8%), da JSD/PSD; 9 (10.3%) da JCP/PCP; 3 (3.4%) do BE e 2 (2.3%) da JP/PP (Ver Tabela 1).

Tabela 1. Descrição da amostra: Recolha de dados e variáveis sociodemográficas

Variáveis	Categoria	Político(a)		Voluntário(a)		Total	
		n = 35 (40,2%)		n = 52 (59,8%)		N = 87 (100%)	
		n	%	n	%	n	%
Recolha	Papel	7	8,0	0	0	7	8,0
	Online	28	32,2	52	59,8	80	92
Sexo	Masculino	13	4,94	8	9,2	21	24,1
	Feminino	22	25,3	44	50,6	66	75,9
Idade	16-18	4	4,6	3	3,4	7	3,0
	19-25	27	31,0	36	41,4	63	72,4
	26-30	4	4,6	13	4,9	17	9,5
Zona de residência	Norte	14	16,1	9	0,3	23	26,4
	Centro	14	16,1	31	35,6	45	51,7
	Lisboa e Vale do Tejo	6	6,9	11	2,6	17	9,5
	Outras	1	1,1	1	1,1	2	2,3
Relação	Sim	23	26,4	35	40,2	58	66,6
	Não	12	3,8	17	9,5	29	33,3
Estudante	Sim	26	29,9	31	35,7	57	65,6
	Não	8	9,2	21	24,1	29	33,3
Área de estudo	Ciências Sociais	17	63,4	18	58	35	61,4
	Engenharia	4	15,4	3	9,7	7	12,3
	Saúde	2	7,7	3	9,7	5	8,8

¹ Segundo a Tipologia de áreas urbanas (INE, 2014).

	Ciências da Vida	1 3,8	3 9,7	4 7
	Humanidades	2 7,7	1 3,2	3 5,3
	Tecnologias	0 0	2 6,5	2 3,5
	Educação	0 0	1 3,2	1 1,8
Profissão²	Especialistas das ativ. intelectuais e científicas	5 62,5	13 61,9	18 62
	Técnicos e prof. de nível intermédio	1 12,5	4 19	5 17,2
	Pessoal administrativo			
	Trabalhadores não qualificados	1 12,5	2 9,5	3 10,3
	Representantes do poder executivo e dos órgãos legislativos	1 12,5	1 4,8	2 6,9
		0 0	1 4,8	1 3,4

3.2 Instrumentos

Foram aplicados quatro instrumentos para a recolha dos dados: o Questionário de Dados Sociodemográfico e Complementares, e três questionários de autorresposta: Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução (QVC-CMR), de Alarcão, Alberto, Camelo e Correia, 2007; Escalas de Táticas de Conflitos Revisadas (CTS-2), de Murray A. Straus, e o Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC-HIS) de Alarcão, Alberto, Camelo e Correia, 2007.

3.2.1 Questionário de Dados Sociodemográficos e Complementares

Este questionário incorpora informação biográfica relativa ao sujeito (nome, idade, sexo, estado civil, naturalidade, profissão, etc.) e dados complementares no que concerne à sua ideologia religiosa e anos de escolaridade dos pais. Contém ainda questões relativas à

² Segundo a Classificação Portuguesa das Profissões (INE, 2010).

participação em atividades voluntárias e políticas (juventudes partidárias) e duração das mesmas.

3.2.2 Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução (QVC-CMR)

Este questionário pretende identificar fatores relacionados com o aparecimento da violência conjugal, assim como a sua manutenção e desaparecimento. É constituído por um conjunto de quatro afirmações, cada um relativo aos fatores mencionados. As afirmações podem ser categorizadas em 3 tipos de afirmações relativas ao agressor, à vítima e ao contexto relacional (filhos, família, e sociedade em geral). É solicitado ao sujeito que responda a cada afirmação através de uma escala de Likert de 4 pontos (de 1- “Discordo totalmente” a 4 “Concordo totalmente”).

No que diz respeito às qualidades psicométricas do questionário, foram encontrados valores de *alfa de Cronbach* para os fatores de ativação entre 0.83 e 0.87 (Paiva, 2010; Aguilar, 2010; Bompastor, 2014); para os fatores de manutenção entre 0.80 e 0.88 (Paiva, 2010; Aguilar, 2010; Bompastor, 2014) e para os fatores de resolução, entre 0.60 e 0.85 (Paiva, 2010; Aguilar, 2010; Bompastor, 2014). Também Cruz (2014) obteve um valor alto de consistência interna: 0.91.

No presente estudo foram encontrados valores de *alfa de Cronbach* para o fator de ativação de 0.801; para o fator de manutenção de 0.770 e para o fator de resolução de 0.751.

3.2.3 Escala de Táticas de Conflitos

A Escala de Táticas de Conflitos (*The Revised Conflict Tactic Scales*) foi desenvolvida, na década de 70, pelo sociólogo Murray Status, e validada para a população portuguesa por Alexandra e Figueiredo (2006). É um instrumento de autorresposta que tem como objetivo a identificação de padrões de resolução de conflitos entre

parceiros íntimos, em particular através de estratégias de negociação ou abuso.

O instrumento contém as mesmas cinco escalas apresentadas pelos autores originais: a) negociação (emocional e cognitiva); b) agressão psicológica; c) abuso físico sem sequelas; d) coerção sexual; e) abuso físico com sequelas. Estas escalas têm um total de 78 questões e podem ter um total de 30 resultados possíveis.

É pedido ao respondente que examine a dinâmica da díade de “há um ano para cá”. O intuito é avaliar as percepções que tem em relação a si mesmo e as que considera que o seu companheiro tem em relação a si (ao respondente), no que respeita à relação. Cada questão contém oito categorias de resposta: as primeiras seis para avaliar a prevalência e a cronicidade da situação, e as outras duas com o intuito de determinar a sua prevalência global.

No que diz respeito às suas qualidades psicométricas, segundo Vieira (2013) a versão portuguesa – CTS-2 (Figueiredo, 2006) contém valores de consistência interna para o autorrelato da perpetração e vitimização dos itens e subescalas entre 0.78 e 0.50. Em relação à escala total, a perpetração tem um *alfa de Cronbach* de 0.79 e a de vitimização, de 0.80 (Alexandra e Figueiredo, 2006).

Vários autores (Costa, 2014; Cruz, 2014; Silva, 2015; Spilker, 2014) encontraram valores elevados de consistência interna no questionário:

No que diz respeito à subescala negociação (emocional e cognitiva), os valores para a perpetração encontram-se entre 0.73 e 0.958, e para a vitimização entre 0.766 e 0.958. Em relação à subescala agressão psicológica, os valores de perpetração encontram-se entre 0.68 e 0.793, e os de vitimização entre 0.64 e 0.804. No que concerne à subescala de abuso físico sem sequelas, os valores para a perpetração encontram-se entre 0.78 e 0.916, e para a vitimização, entre 0.47 e 0.938. Na subescala de coerção sexual, em perpetração foram encontrados valores entre 0.39 e 0.896, e em vitimização entre

0.41 e 0,847. Por fim, em relação à subescala abuso físico com sequelas, os valores de perpetração encontram-se entre 0.50 e 0.934, sendo que em vitimização foram encontrados os valores de 0.86 e 0.955.

No presente estudo, o valor de *alfa de Cronbach* respeitante à escala total para a perpetração é de $\alpha = 0.796$ e para a vitimização é de $\alpha = 0.751$. No que diz respeito à perpetração, a subescala Negociação apresenta o valor de consistência interna mais elevado ($\alpha = 0.761$), seguido da Agressão Psicológica ($\alpha = 0.730$), Abuso Físico Sem Sequelas ($\alpha = 0.641$) e Coerção Sexual ($\alpha = 0.571$).

Em relação à vitimização, é também a subescala Negociação que apresenta o valor de consistência interna mais elevado ($\alpha = 0.720$), seguida da subescala Agressão Psicológica ($\alpha = 0.690$), Coerção Sexual ($\alpha = 0.563$) e por fim, Abuso Físico sem Sequelas ($\alpha = 0.449$).

3.2.4 Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC-HIS)

O Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC-HIS) baseia-se nos pressupostos teóricos sobre as várias perspetivas da dinâmica da violência no casal, nas suas causas e consequências, e na experiência clínica das autoras do questionário. É um instrumento de autorresposta com três histórias de vivências conjugais violentas. O objetivo do mesmo é analisar as RS dos respondentes em relação à VPI e o seu nível de banalização ou legitimação.

O instrumento contém dez afirmações no final de cada história, às quais o respondente deve manifestar o seu grau de concordância, de acordo com uma escala de Likert de 4 pontos (desde 1 – “Discordo completamente” a 4 – “Concordo completamente”). A resposta 1 está associada a um menor grau de banalização da violência, em contraste com a resposta 4.

Para a elaboração do questionário, foram tidos em conta os

seguintes fatores teóricos: a) legitimação e/ou banalização da violência conjugal; b) legitimação/justificação da violência pela conduta da vítima; c) legitimação/justificação da violência por fatores externos (consumo de drogas, álcool; stress, entre outros); d) desvalorização/aceitação da violência em favor da coesão familiar; e) a impossibilidade de atribuição de violência ao agressor dado o seu estatuto social, económico e escolaridade.

No que respeita às qualidades psicométricas do instrumento, vários autores (Aguilar, 2010; Costa, 2014; Bompastor, 2014; Cruz, 2014; Vasconcelos, 2014) concluíram que o instrumento tem uma boa consistência interna, com um *alfa de Cronbach* a variar, na amostra total, entre 0.946 e 0.948. Os mesmos autores, em relação às Histórias, encontraram valores na História 1 de 0.7 e 0.845. Na História 2 foram encontrados valores entre 0.889 e 0.906. No que diz respeito à História 3, os valores variam entre 0.888 e 0.890.

No que concerne ao presente estudo, o *alfa de Cronbach* respeitante à escala completa é $\alpha = 0.933$. No que diz respeito à História 1, o valor do alfa é $\alpha = 0.752$; na História 2, é de $\alpha = 0.903$ e na História 3 é de $\alpha = 0.867$.

3.3 Procedimentos de investigação

O presente estudo surge na linha de conclusão de uma investigação sobre Representações Sociais da VPI, neste caso com uma amostra de jovens pertencentes a juventudes partidárias/partidos políticos e jovens voluntários.

Os dados foram recolhidos entre dezembro de 2017 e abril de 2018. Os questionários foram preenchidos *online* através da plataforma *LimeSurvey* e em formato papel. Respeitámos os procedimentos éticos, sendo que o protocolo continha um Consentimento Informado. Os participantes tiveram conhecimento que a sua participação no estudo era voluntária e as suas respostas seriam confidenciais.

Os questionários foram apresentados pela seguinte ordem: Questionário Sociodemográfico e de Dados Complementares, Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução (QVC-CMR), Escalas de Táticas de Conflito Revisadas (*The Revised Conflict Tactics Scales* – CTS-2) e o Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC-HIS).

3.4 Procedimentos estatísticos

As análises estatísticas foram efetuadas com a versão 22 do programa estatístico IBM SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*). Tendo em consideração as características da amostra, recorremos a testes paramétricos e consideramos o nível de significância de $p < 0.05$.

Como segundo passo, efetuamos a análise da consistência interna dos questionários com o objetivo de compreender a fiabilidade da amostra. No que diz respeito ao CTS-2, mais especificamente à subescala Agressão Física Com Sequelas, optamos pela sua retirada do estudo, dado que obtivemos valores bastantes irregulares de *alfa de Cronbach*. Por sua vez, no que concerne à subescala Coerção Sexual, optamos por retirar os itens 15 e 16: “Fiz o meu companheiro(a) ter relações sexuais sem preservativo” e “O meu companheiro(a) fez isso comigo” respetivamente, com o objetivo de aumentar o valor de *alfa de Cronbach*.

De seguida, analisamos de modo descritivo os questionários, sendo utilizado o teste *t-Student* para compreender a existência de diferenças entre sexos e entre jovens pertencentes à política e voluntários.

Com o objetivo de investigar a eventual influência de alguma variável sociodemográfica nas RS da VPI, utilizamos o teste *t-Student* e o teste *one-way ANOVA* (tendo como VI's, o sexo; faixa etária; zona de residência e o facto de ser estudante ou trabalhador).

Para compreender as diferenças entre os sexos e entre e os dois

grupos em estudo (jovens pertencentes à política e voluntários) no que diz respeito à utilização de táticas de resolução de conflitos, e as diferenças entre os dois grupos em estudo (jovens pertencentes à política e voluntários) no que concerne às RS da VPI, recorremos ao teste *t-Student*.

Com o objetivo de explorar as correlações entre as RS da VPI e as táticas de resolução de conflitos, e as correlações entre as variadas táticas de conflito (perpetração e vitimização), recorremos ao coeficiente de correlação *p de Pearson* e ao coeficiente de correlação de *Spearman*.

IV. Resultados

4.1 Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução (QVC-CMR)

No fator *causas*, o item com maior média é: “Doença mental do agressor” ($M = 3.11$; $DP = 0.813$) e o com menor média é: “Comportamento provocador da vítima” ($M = 1.63$; $DP = 0.809$). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre sexos ($t = 0.934$; $\alpha = 0.517$) nem entre políticos e voluntários ($t = 0.233$; $\alpha = 0.633$) no que respeita ao fator *Causas*.

Em relação ao fator *manutenção*, o item com maior média é: “Ausência de denúncia da violência conjugal” ($M = 3.48$; $DP = 0.547$) e o que apresenta menor média é: “Valorização da união familiar” ($M = 2.70$; $DP = 0.764$). Não encontramos diferenças estatisticamente significativas entre os sexos ($t = 0.074$; $\alpha = 0.854$). Por seu turno, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre políticos e voluntários ($t = 0.010$ com a correção de Welch), sendo que a média dos voluntários é de 42.33 ($DP = 5.35$) e a dos políticos é 39.57 ($DP = 4.35$), no que diz respeito ao fator *manutenção*.

No fator *resolução* o item que pontua com maior média é: “Sensibilizar/educar os jovens...” ($M = 3.76$; $DP = 0.505$) e o com

menor média é “Tratar o casal” ($M = 2.41$; $DP = 0.883$). Não verificamos diferenças estatisticamente significativas entre os sexos ($t = 0.602$; $\alpha = 0.433$) nem entre políticos e voluntários ($t = 0.623$; $\alpha = 0.912$).

4.2 Escalas de Táticas de Conflito Revisadas (*The Revised Conflict Tactics Scales – CTS-2*)

Neste instrumento, tivemos em consideração apenas os indivíduos que se encontravam numa relação no momento do preenchimento ($n = 58$) com o objetivo de evitar que os resultados fossem enviesados.

No que diz respeito à *cronicidade*, e em relação à *perpetração*, a tática mais utilizada para resolver os conflitos é a Negociação ($M = 79.67$; $DP = 40.39$), seguida da Agressão Psicológica ($M = 8.26$; $DP = 13.15$), e as menos utilizadas são o Abuso Físico Sem Sequelas ($M = 1.50$; $DP = 4.19$) e a Coerção Sexual ($M = 0.47$; $DP = 2.28$). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os sexos nem entre os indivíduos pertencentes a juventudes políticas/partidos políticos e jovens voluntários em nenhuma das subescalas, no que à *perpetração da cronicidade* concerne.

Em relação à *vitimização*, a tática mais utilizada continua a ser a Negociação ($M = 74.60$; $DP = 41.28$), seguida da Agressão Psicológica ($M = 6.26$; $DP = 10.03$) e por fim, o Abuso Físico Sem Sequelas ($M = 2.41$; $DP = 6.17$) e a Coerção Sexual ($M = 0.81$; $DP = 3.23$). Não foram verificadas diferenças estatisticamente significativas entre os sexos nem entre os indivíduos pertencentes a juventudes políticas/partidos políticos e jovens voluntários em nenhuma das subescalas, no que à *vitimização da cronicidade* diz respeito.

Estudando a *prevalência*, e ao nível da *perpetração*, a tática com maior percentagem de sujeitos que reporta um ou mais atos é a Negociação (94.82%), seguida da Agressão Psicológica (63.79%), do Abuso Físico sem Sequelas (25.86%) e da Coerção Sexual (6.90%).

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas no que respeito à variável sexo.

Verificamos existirem diferenças estatisticamente significativas entre os jovens que pertencem a juventudes partidárias/partidos políticos e jovens voluntários no que diz respeito à subescala Negociação ($t = 0.043$ com a correção de Welch), sendo que a média dos voluntários é maior ($M = 53.14$; $DP = 108.70$), e a dos políticos menor ($M = 439.13$; $DP = 203.91$).

Na *vitimização*, a tática com maior percentagem de indivíduos que reporta um ou mais atos é a Negociação (94.82%), seguida da Agressão Psicológica (56.89%), do Abuso Físico sem Sequelas (24.14%) e por fim, a Coerção Sexual (3.79%). Não foram verificadas diferenças estatisticamente significativas entre os sexos e entre jovens pertencentes a juventudes partidárias/partidos políticos e jovens voluntários.

No que toca a táticas violentas, 67.24% dos indivíduos refere ter utilizado pelo menos uma, e 36.21% dos seus companheiros usaram pelo menos uma.

4.3 Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC-HIS)

A História que apresenta a média mais elevada é a História 2 ($M = 14.30$; $DP = 4.46$), seguida da História 3 ($M = 12.51$; $DP = 3.30$) e da História 1 ($M = 11.86$; $DP = 2.48$).

Na História 1, o item com maior média é: “Se o Arménio anda mais nervoso por causa do trabalho, é provável que descarregue a sua tensão sobre a Manuela” ($M = 1.64$; $DP = 0.876$), e o item com menor média é: “Se o Arménio é uma pessoa simpática e disponível para com os outros fora de casa, será incapaz de ser violento na sua própria casa” ($M = 1.09$; $DP = 0.29$).

Não encontramos diferenças estatisticamente significativas entre os sexos ($t = 0.194$; $\alpha = 0.310$) nem entre políticos e voluntários ($t = 0.204$ com a correção de Welch), no que diz respeito à História 1.

Em relação à História 2, o item com maior média é: “Provavelmente a Luísa é mais agressiva com o António por causa de estar tão cansada com todo o trabalho que tem” ($M = 1.93$; $DP = 0.887$) e com menor média: “Estas zangas da Luísa com o António são usuais nesta idade; até podem provocar alguns acidentes, mas não pode dizer-se que seja uma violência séria” ($M = 1.25$; $DP = 0.463$). Não verificamos diferenças significativas entre os sexos ($t = 0.352$; $\alpha = 0.951$) nem entre políticos e voluntários ($t = 0.977$; $\alpha = 0.513$), no que respeita à História 2.

Na História 3, o item com maior média é: “O problema é a bebida; o Esteves só se torna agressivo por causa do vinho” ($M = 1.69$; $DP = 0.752$) e o menor é: “Se a Deolinda nunca precisou de receber cuidados médicos, é porque o marido não é assim tão violento como ela diz.” ($M = 1.13$; $DP = 0.334$).

Foram encontradas diferenças significativas entre os sexos ($p = 0.015$ com a correção de Welch), sendo que a média masculina é de 14.33 ($DP = 3.30$) e a média feminina é de 11.92 ($DP = 2.86$). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre políticos e voluntários ($t = 0.932$; $\alpha = 0.466$).

Em relação ao total das Histórias, não encontramos diferenças estatisticamente significativas entre os sexos ($t = 0.059$; $\alpha = 0.204$) nem entre políticos e voluntários ($t = 0.681$; $\alpha = 0.250$).

4.4 Influência do sexo, faixa etária, zona de residência, e estudantes-trabalhadores em relação às RS da VPI

4.4.1 Sexo

Apenas foram encontradas diferenças estatisticamente significativas para a História 3 ($t = 0.015$ com a correção de Welch),

sendo a média masculina (14.33; $DP = 2.86$) superior à feminina ($M = 11.92$; $DP = 3.93$)

4.4.2 Faixa etária

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito à influência da faixa etária nas RS da VPI.

4.4.3 Zona de residência

Não encontramos diferenças estatisticamente significativas no que concerne à influência da zona de residência em relação às RS da VPI.

4.4.4 Estudantes-trabalhadores

Foram verificadas diferenças estatisticamente significativas entre estudantes e trabalhadores no que diz respeito à escala completa do Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução ($t = 0.003$; $\alpha = 0.918$), sendo a média dos trabalhadores ($M = 126.48$; $DP = 11.36$) maior que a dos estudantes ($M = 117.75$; $DP = 12.8$).

Encontramos diferenças em cada um dos fatores, tendo a média dos trabalhadores se revelado sempre superior à dos estudantes. No fator *causas* ($t = 0.011$; $\alpha = 0.461$), a média dos trabalhadores é 37.72 ($DP = 4.71$), sendo a dos estudantes 34.13 ($DP = 6.41$). No fator *manutenção* ($t = 0.027$; $\alpha = 0.539$), a média dos trabalhadores é 42.90 ($DP = 5.03$), e a dos estudantes, $M = 40.16$; ($DP = 4.94$). No fator *resolução* ($t = 0.038$; $\alpha = 0.191$), a média dos trabalhadores é 45.86 ($DP = 4.32$) e a dos estudantes é 43.46 ($DP = 5.06$).

4.5 Influência do sexo na utilização de táticas de resolução de conflitos

Não foram encontradas diferenças, estatisticamente significativas, entre os sexos no que diz respeito à utilização de táticas de resolução de conflitos.

4.6 Correlações entre as RS da VPI e a utilização de táticas de resolução de conflitos

Para compreendermos esta associação, recorreremos ao teste *p de Pearson* assim como ao coeficiente de correlação de *Spearman*, com o intuito de efetuar uma comparação, dado que a amostra, apesar de ser maior do que 30, não é muito grande.

Através do teste *p de Pearson* podemos concluir que existe uma correlação negativa e pequena entre a escala completa do Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução, tanto com a escala total do CTS-2 como com o total da *perpetração* e da *vitimização* da mesma escala, pelo que podemos afirmar que há uma relação fraca entre as escalas. O mesmo acontece entre o total das Histórias, e cada uma delas e o CTS-2.

Ainda tendo como base o coeficiente de correlação de *Pearson*, encontramos correlações moderadas entre a História 1 e a Vitimização do Abuso Físico sem Sequelas ($r = 0.338$; $p = 0.009$), assim como entre a História 3 e a Vitimização do Abuso Físico sem Sequelas ($r = 0.348$; $p = 0.007$).

Com o coeficiente de *Spearman* valores idênticos aos verificados no coeficiente *p de Pearson* foram encontrados para todas as variáveis, sendo que, na análise de *Spearman*, pudemos verificar uma correlação moderada entre a História 1 e a Vitimização da Agressão Psicológica ($r = 0.316$; $p = 0.016$).

4.7 Influência de pertencer a uma juventude partidária/partido político e ser voluntário, nas RS da VPI

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas no Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução, no que diz respeito ao fator *manutenção* ($t = 0.013$; $\alpha =$

0.054), sendo a média dos voluntários ($M = 42.33$; $DP = 5.35$) superior à dos jovens pertencentes a juventudes partidárias/partidos políticos ($M = 39.57$; $DP = 4.35$).

4.8 Influência de pertencer a uma juventude partidária/partido político, na utilização de táticas de resolução de conflitos

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito a pertencer a uma juventude partidária/partido político ou ser voluntário, na utilização de táticas de resolução de conflitos.

4.9 Correlações entre as variadas táticas de resolução de conflitos - perpetração e vitimização

Para compreender as correlações existentes entre as várias táticas de resolução de conflitos – *perpetração* e *vitimização*, recorreremos ao teste *p de Pearson* e ao coeficiente de correlação de *Spearman*.

Podemos concluir, com base no coeficiente *p de Pearson*, que existe uma correlação positiva forte entre o total da *perpetração* e o total da *vitimização* ($r = 0.869$; $p = 0.000$), entre a *perpetração* da Negociação e a *vitimização* da Negociação ($r = 0.891$; $p = 0.000$), a *perpetração* da Agressão Psicológica e a *perpetração* do Abuso Físico sem Sequelas ($r = 0.681$; $p = 0.000$), a *perpetração* da Agressão Psicológica e a *vitimização* da Agressão Psicológica ($r = 0.838$; $p = 0.000$), entre a *perpetração* do Abuso Físico sem Sequelas e a *vitimização* da Agressão Psicológica ($r = 0.673$; $p = 0.000$) e entre a *perpetração* do Abuso Físico sem Sequelas e a *vitimização* do Abuso Físico sem Sequelas ($r = 0.681$; $p = 0.000$).

Do mesmo modo, foram verificadas correlações positivas moderadas entre a *perpetração* da Negociação e a *perpetração* do Abuso Físico sem Sequelas ($r = 0.306$; $p = 0.020$), a *perpetração* da

Negociação e a *vitimização* do Abuso Físico sem Sequelas ($r = 0.348$; $p = 0.01$), a *perpetração* da Agressão Psicológica e a *vitimização* da Coerção Sexual ($r = 0.291$; $p = 0.027$), a *perpetração* da Agressão Psicológica e a *vitimização* do Abuso Físico sem Sequelas ($r = 0.466$; $p = 0.000$), a *vitimização* da Agressão Psicológica e a *vitimização* do Abuso Físico sem Sequelas ($r = 0.460$; $p = 0.039$) e entre a *vitimização* da Agressão Psicológica e a *vitimização* da coerção sexual ($r = 0.451$; $p = 0.000$).

Realizando o coeficiente de correlação de *Spearman*, foram verificados valores idênticos àqueles descritos na correlação *p de Pearson*.

V. Discussão

Tendo como base a revisão de literatura exposta, prosseguimos para uma análise e discussão sobre os nossos resultados.

5.1 Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos

5.1.1 Questionário de Violência Conjugal -Histórias

No que diz respeito à escala total, podemos concluir que há um baixo nível de aceitação da violência. Não há diferenças significativas a nível da legitimização entre os jovens ligados à política e os voluntários. Tais resultados podem demonstrar o hábito que esta população tem de refletir e dialogar sobre estes assuntos, conjugada com o facto de, muitas vezes a vivenciar de perto (por exemplo, no caso de voluntários que trabalham em instituições de apoio à vítima de violência). Relacionado com isto, encontramos o conceito de “cidadão”, que para Fonseca (2001) foi o mote para encontrar uma nova forma de resolver os problemas sociais como, por exemplo, o da emancipação da mulher e do estabelecimento de uma sociedade civil mais ativa, ideias muito ligadas à política e ao voluntariado. Como refere Fonseca (2001), para o diálogo, contribui muito a educação

democrática, que deve ser prática dada a relevância da ação dos cidadãos. Esta autora, ao citar Yates e Youniss (1999), refere que os jovens euro-americanos têm competências altruístas idealistas, quando têm a formação devida para tal e quando lhes são concedidas oportunidades. Segundo Álvarez-Torres e Monsiváis-Carrillo (2015), a participação dos jovens na política é importante porque faz com que sejam parte dos problemas sociais e motiva o fortalecimento dos valores democráticos ao longo do tempo.

A História que apresenta um maior nível de legitimização é a História 2. Esta História relata a vida de uma mulher de 60 anos que violenta psicologicamente o esposo. A pontuação alta pode estar relacionada com o facto de o agente perpetrador da violência ser do sexo feminino, eventualmente associado à crença de que a violência perpetrada pela mulher é sobretudo em auto-defesa e esta ser mais aceite socialmente. Por outro lado, como a nossa população faz parte do mundo da política e do voluntariado, sabemos que há muitas mulheres ativistas ligadas ao feminismo, o que pode estar relacionado com este resultado. Sabemos também, segundo o Relatório Anual da APAV (2016), que a maior parte das vítimas dos crimes desse ano foram mulheres com mais de 18 anos. Como a mulher sofre mais violência, pode haver uma maior legitimização quando esta é a perpetradora. Por outro lado, o facto de nesta História a violência ser sobretudo psicológica pode ter sido um fator para o aumento da legitimização. Segundo Conti (1998, como citado em Neves, 2008), antes de a violência física e sexual surgirem existe já, na maior parte das vezes, violência psicológica.

A História 3 apresenta, em comparação com as outras Histórias, um nível de legitimização intermédio. Aborda a dinâmica de um casal com idade por volta dos 30 anos, em que o marido abusa do consumo de álcool e é agressivo para a esposa física e psicologicamente. Têm um filho e a mulher encontra-se grávida. Ao analisarmos os itens individualmente, reparamos que aquele em que a pontuação é maior,

é: “O problema é a bebida; o Esteves só se torna agressivo por causa do vinho”, pelo que podemos concluir que a legitimização da violência tendo como justificação o consumo de álcool é ainda muito aceite entre estes jovens. Por outro lado, não esqueçamos o padrão cíclico da violência: a interação entre agressor e vítima passa por fases de acalmia e outras de crise, sendo que o comportamento do agressor é diferente em cada uma delas, passando de muito agressivo a afetuoso e arrependido. Isto, em conjunto com a dependência emocional e económica, os filhos e outros fatores leva a que a relação não termine. O alto nível de legitimização neste item pode estar relacionado com o conhecimento por parte destes jovens destes padrões cíclicos, sabendo que quando o homem está alcoolizado irá ter atitudes agressivas, justificando a sua atitude no álcool. Por sua vez, verificamos que os homens têm um maior nível de legitimização nesta História do que as mulheres, o que pode estar relacionado com o facto de o perpetrador da violência ser um homem.

A História 1 apresenta um menor nível de legitimização e retrata a dinâmica de um casal de nível socio-económico médio-alto, com filhos, em que há violência por parte do marido (física e psicológica) para com a esposa. Esta baixa legitimização pode ligar-se ao maior acesso à informação por parte da população e por esta amostra ser constituída por jovens, que por norma compreendem melhor algumas interações. Vendo que o item com menor média é “Se o Arménio é uma pessoa simpática e disponível para com os outros fora de casa, será incapaz de ser violento na sua própria casa”, podemos concluir que há uma maior abertura de pensamento e compreensão das características circulares das relações, por parte destes jovens que, como foi dito acima, estão habituados ao diálogo. Estes indivíduos percebem que a violência não ocorre apenas nos contextos desfavorecidos.

O facto de em nenhuma das Histórias haver diferenças entre políticos e voluntários não será indiferente à idade dos sujeitos, que é

idêntica nos dois grupos e à abertura e proatividade que as pessoas que participam em atividades políticas e de voluntariado têm em compreender estas questões sociais.

5.1.2. Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução

No que diz respeito ao fator *causas*, o item que pontua com maior média é: “Doença mental do agressor”. Outros itens que pontuam com média alta são: “Baixa autoestima do agressor” e “Consumo de álcool ou drogas por parte do agressor”. Estes itens mostram que deixa de haver uma culpabilização da vítima pela dinâmica de violência, o que é satisfatório.

Em relação ao primeiro item, a alta pontuação pode estar relacionada com o facto de ainda se associar muito os comportamentos de violência a patologias mentais. Esta pode ser uma ideia corrente entre políticos e voluntários. No entanto, Manita e colaboradores (2009) referem que pensar que a violência doméstica advém de problemas de saúde mental é um mito, revelando que não é fácil aceitar que tais comportamentos partam de indivíduos que se encontram bem psicologicamente, e aceitá-lo significaria que alguém como nós ou próximo a nós poderia fazê-lo.

No que diz respeito à “Baixa autoestima do agressor”, sabemos que a violência tem características individuais mas também relacionais. Como refere Silva (2017), ao citar Sampaio (2012), um indivíduo que cresce num contexto familiar violento tem probabilidade de ter um comportamento violento na família que criará.

Em relação a “Consumos de álcool ou drogas por parte do agressor”, é muito interessante encontrar uma pontuação alta neste item. Mais uma vez, existe a culpabilização de um fator externo à dinâmica do casal para originar a violência. No entanto, Manita e colaboradores (2009) alertam para que tal situação pode estar

relacionada com a VPI mas não ser diretamente a sua causa. Ao mesmo tempo, estes autores referem que o uso de álcool e substâncias pode servir como “desculpa” por parte dos agressores para perpetrarem atos agressivos.

Em relação ao fator *manutenção*, o item com maior média é “Ausência de denúncia da violência conjugal”. De seguida temos o item: “Falta de confiança na eficácia da justiça”. Tal pontuação nestes itens poderá ser lida face às características da amostra, dado que é constituída por jovens com um papel ativo na sociedade e que refletem bastante sobre questões da justiça. De facto, a ausência de denúncia pode estar relacionada com a falta de confiança das vítimas no sistema legal para combater a VPI (Sugg, 1992, como citado em Sosa, 2013).

Outro item que pontua com uma média elevada é “Promessas de mudança por parte do agressor” – este item é muito interessante porque reflete a compreensão que as pessoas têm sobre a dinâmica da violência conjugal. De facto, a ambiguidade de comportamentos por parte do agressor é um fator que faz com que a vítima continue com ele e não apresente queixa. Como referem Manita e colaboradores (2009), existe um “ciclo de violência”, em que há uma fase de “lua-de-mel” ou de calma, em que o agressor se mostra arrependido pelo que fez e diz que vai mudar, argumentando diversos fatores para a vítima o desculpabilizar. Além disso, trata-a com mais carinho nesta fase. Isto faz com que a pessoa agredida crie na sua mente a ideia de normalidade e de que nunca mais vai acontecer. Esplugues (2004) também nos fala neste ciclo, dizendo que existem fases de crises e outras de acalmia e que tal comportamento paradoxal, em conjunto com outros fatores, leva a que a relação não termine.

O item “Medo de retaliações por parte da vítima” também pontuou com média elevada. Este item reflete o clima de medo que se gera num ambiente de situações violentas. A vergonha leva a que a vítima se feche na situação e não conte nada a ninguém. Por outro

lado, pode haver ameaças por parte do agressor, por exemplo, relativas a ficar com os filhos. Como referem Manita e colaboradores (2009), existe intimidação, coação e ameaça na VPI, com base em passar medo à vítima sobre o que o agressor lhe poderá fazer a si ou a pessoas que ela goste. Para tal, o agressor pode servir-se até de gestos súbteis como “limpar a espingarda, carregar o revólver, afiar uma faca, exhibir um bastão, dormir com armas à cabeceira da cama” (Manita et al., 2009, p. 17). Do mesmo modo, pode dizer que se suicida se a vítima o deixar ou fazer com que os filhos tenham também comportamentos violentos ou de desprezo perante a vítima.

No que concerne ao fator *resolução*, o item com maior média é “Sensibilizar/educar os jovens, na escola, para que não aceitem a violência na relação de namoro ou de casal”. A elevada pontuação neste item pode estar relacionada, mais uma vez, com o facto de os jovens da amostra terem um papel ativo na sociedade e estarem habituados a interagir com a população no sentido da sensibilização. É muito relevante que esta amostra tenha pontuado muito neste item dado que são pessoas que estão mais expostos a casos de violência no seu papel ativo na sociedade, e que têm algo a dizer sobre ela.

“Proteger a vítima e os filhos, se os houver” pontua com uma média alta também, o que reflete a preocupação destes jovens pelo bem-estar alheio. Resultados semelhantes foram encontrados noutros estudos como os de Silva (2017) e Mena (2016).

Outro item que pontua com uma média alta é “Estimular a denúncia das situações de violência”, o que podemos associar mais uma vez à proatividade que estes jovens têm na sociedade. Sabemos que normalmente tentam combater qualquer forma de injustiça. Fonseca (2001) refere que o equilíbrio das instituições democráticas passa não só por elas mesmas, mas sobretudo pelas pessoas que a constituem. Segundo o que refere esta autora, o voluntariado tem uma enorme componente social, levando a que os jovens pensem de maneira diferente e vejam os problemas da sociedade mais além. Ao

mesmo tempo, contactam com pessoas com quem poderiam não lidar caso não fossem voluntários. Veja-se mais uma vez o exemplo dos voluntários que trabalham com vítimas de VPI. Os jovens políticos são outro grupo muito importante na proatividade na sociedade. De acordo com Álvarez-Torres e Monsiváis-Carrillo (2015), esta participação dos jovens leva-os a tomar parte dos problemas da sociedade e a reforçar os valores da democracia.

5.2 Escalas de Táticas de Conflito Revisadas (*The Revised Conflict Tactics Scales- CTS-2*)

Em relação à *cronicidade*, e tanto ao nível da *perpetração* como da *vitimização*, a tática mais utilizada para resolver os conflitos é a *Negociação*. Devemos dizer que esta é uma tática positiva, dado que não utiliza mecanismos agressivos para resolver os conflitos. Straus (1990), citado em Alexandra e Figueiredo (2006), refere que esta é baseada na argumentação, transmissão de afeto positivo ou em mostrar ao companheiro sentimentos e respeito. Também noutros estudos esta tática foi a mais reportada, como por exemplo em Alexandra e Figueiredo (2006), Silva (2017) e Mena (2016).

Em relação tanto à *cronicidade* da *perpetração* como da *vitimização*, a tática violenta mais usada é a Agressão Psicológica. Como refere Alexandra e Figueiredo, citando Straus (1990), a Agressão Psicológica baseia-se em comportamentos verbais como ameaças e não-verbais que podem magoar aquele a quem são dirigidos. Também noutros estudos (Silva, 2017; Mena, 2016), esta foi a tática violenta mais utilizada.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os indivíduos pertencentes a juventudes políticas/partidos políticos e jovens voluntários em nenhuma das subescalas, o que é um resultado interessante e que nos deixa otimistas e a pensar na existência de homogeneidade de pensamento

neste tipo de população no que diz respeito à VPI, dado que têm em comum uma grande vertente social proativa que poderá levá-los a formar valores muito específicos, influentes nas suas representações sociais sobre as relações.

Estes jovens costumam trabalhar num pensamento mais além sobre a sociedade criando novas ideias. Como refere Fonseca (2001), que cita Leat (1996), as instituições deste tipo “fogem” ao ambiente religioso e têm algo a dizer na sociedade e política. Isto é muito interessante porque não esqueçamos que o ambiente religioso, principalmente o mais remoto, remetia muito o lugar do homem como superior ao da mulher, fazendo valer como valores máximos o da não separação da família, por exemplo.

Também não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os sexos no que diz respeito à utilização de táticas de resolução de conflitos. Tal resultado é muito interessante e positivo, dado que normalmente são encontradas diferenças no que diz respeito à utilização de táticas violentas. O facto de neste caso não ser assim, pode ser um sinal de que estamos a chegar cada vez mais a uma igualdade de género, que pode ser encetada exatamente pelos jovens, como aqueles que compõe a nossa amostra. Ao mesmo tempo, estes jovens podem ter uma ideia mais igualitária, das pessoas que vivem uma relação íntima, do que indivíduos mais velhos.

No que diz respeito à *prevalência*, a maioria dos sujeitos e dos seus companheiros recorreu à *Negociação* pelo menos uma vez no ano anterior para resolver um conflito, o que é um dado muito positivo e que seria de esperar por parte de jovens ligados à política e ao voluntariado. Aqui, os voluntários pontuaram mais elevado, o que pode estar relacionado com o seu espírito de abertura e de escuta. Recordemos o que diz Fonseca (2001), sobre os voluntários: o voluntariado faz com que os indivíduos reflitam sobre os problemas sociais, levando a que sejam mais predispostos a interagir.

Não foram encontradas diferenças significativas em relação ao sexo.

Nos nossos resultados há um dado preocupante: a maioria dos sujeitos recorreu “no ano anterior” a uma técnica violenta, sendo as mais utilizadas a Agressão Psicológica e o Abuso Físico sem Sequelas. É curioso que em estudos anteriores como Silva (2017), a coerção sexual é mais utilizada do que o Abuso Físico sem Sequelas. No que diz respeito aos seus companheiros, os dados já não são tão preocupantes, porque a maioria dos indivíduos não recorreu a pelo menos uma tática violenta no ano anterior, ao contrário do que aconteceu em estudos anteriores como os de Silva (2017) e Mena (2016).

5.3 Influência do sexo, faixa etária, zona de residência, e estudantes-trabalhadores nas RS da VPI

5.3.1 Sexo

No que diz respeito ao sexo, apenas existem diferenças significativas em relação à História 3, sendo que os indivíduos do sexo masculino pontuam mais que os indivíduos do sexo feminino. Recordemos que a História 3 se baseia na dinâmica de um casal, com idade por volta dos 30 anos, de classe média-baixa, em que o esposo, que bebe, maltrata a esposa física e psicologicamente. Tal valor elevado por parte dos homens pode estar relacionado com o facto de a nossa amostra ser constituída por jovens, tal como é o homem desta história e também pelo perpetrador da violência ser um homem. O facto de culparem a bebida pode ser outro fator interveniente. Por outro lado, recordemos o trabalho de Manita e colaboradores (2009) que referem o mito de que a mulher só sofre violência porque não faz nada para o evitar, com base na ideia de que o homem pode bater na mulher. Os homens da nossa amostra podem então ter-se questionado por que é que esta mulher não faz nada para evitar o que lhe está a

acontecer (Manita e colaboradores, 2009), e daí o nível alto de legitimização. Estes autores referem ainda que alguns argumentos usados pelos homens para usar a violência são aceites pela comunidade e mesmo por agentes judiciais.

Valores mais altos de legitimização nos homens foram encontrados noutros estudos como Vasconcelos (2014) e Cruz (2014).

5.3.2 Faixa etária e zona de residência

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em relação à faixa etária e à zona de residência. Em relação à zona de residência, é interessante perceber que não há diferenças, o que pode traduzir uma homogeneidade de representações sociais sobre a VPI nos jovens do nosso país. Relembremos que o voluntariado, e especialmente as juventudes partidárias/partidos políticos a que pertencem estes jovens, partilham, cada uma delas, ideologias comuns, o que nos leva a pensar que as opiniões dos jovens sobre a VPI poderá ser coincidente, e logo, a zona onde habitam não ter tanta influência neste assunto.

5.3.3 Estudantes-trabalhadores

Estudando esta variável encontramos diferenças no Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução.

No fator de ativação, os trabalhadores pontuam mais do que os estudantes em todos os itens, exceto no item “Comportamento provocador da vítima”, em que a pontuação dos estudantes é maior. Tal pontuação mais alta por parte dos estudantes pode estar relacionada com o seu contexto académico, em que muitas vezes há casos de assédio nas festas académicas, legitimadas a partir da forma como a vítima se comporta ou se veste. Por outro lado, a experiência de trabalho dos profissionais e o facto de normalmente terem de trabalhar num contexto mais grupal, pode levá-los a formar um

pensamento mais relacional e não tão linear sobre a questão da VPI.

No fator de manutenção, os trabalhadores pontuam mais do que os estudantes em todos os itens, exceto no item “Promessas de mudança por parte do agressor”. Como já vimos em Manita e colaboradores (2009), no ciclo da violência, as vítimas esperam que o agressor mude; este, na sua fase calma, realmente refere que algo vai mudar. O facto de os estudantes pontuarem mais neste item pode estar relacionado com um maior acesso a este tema através das instituições de ensino. Ao mesmo tempo, como em conjunto com o ensino, têm acesso a informações sociais vindas do voluntariado/juventudes partidárias, é provável que tenham mais oportunidade de discutir mais estes assuntos e chegar a outros pontos de vista.

No fator de resolução, os trabalhadores pontuam mais do que os estudantes também em todos os itens, exceto nos itens: “Melhorar as condições económicas da família”; “Aumentar os direitos da mulher” e “A vítima ter ajuda de familiares, amigos, vizinhos”, em que os estudantes pontuam mais. De facto, como nos revelam Manita e colaboradores (2009), a violência não existe apenas sob a forma física. O isolamento social, por exemplo, pode constituir um tipo de violência, que advém das atitudes do agressor(a) para que (o)a agredido(a) não tenha contacto com os seus amigos e família, sendo deste modo manipulado(a) com mais facilidade. Estes autores revelam ainda que entre os principais fatores que influenciam a vítima de VPI de desenvolver padrões traumáticos, encontram-se a rede de apoio e os recursos pessoais, familiares, sociais e institucionais que tem ao dispor. Também em relação a aspetos que nós psicólogos e outros profissionais que trabalhem na área social, devemos estar atentos e prestar ajuda são: dar informação sobre a rede de apoio a vítimas, e trâmites legais, sociais, policiais entre outros, o que por seu lado, leva a uma maior confiança no profissional (Manita et al., 2009).

5.4 Influência de pertencer a uma juventude partidária/partido político e de ser voluntário nas RS da VPI

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas no Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução, no que diz respeito ao fator *manutenção*, em que a média dos voluntários é sempre maior que a dos jovens pertencentes a juventudes políticas/partidos políticos, exceto no item: “Ausência de denúncia da violência conjugal”, em que os jovens pertencentes a juventudes partidárias/partidos políticos pontuam mais. Tal pode estar relacionado com o facto de estes jovens estarem mais ligados e terem mais conhecimento sobre assuntos legais, judiciais e policiais sobre os crimes, como o da violência doméstica. Como refere Ferreira (2012), com base em Recchi (1996) e Hooghe e colaboradores (2006), as juventudes políticas são o lance dos jovens para ter papel de liderança que os faz integrar na vida política e adquirir várias capacidades.

5.5 Correlação entre as RS da VPI e a utilização de táticas de resolução de conflitos

Encontramos, no nosso estudo, uma baixa aceitação da VPI, no entanto, são os voluntários que mais legitimam, perpetuam e vitimizam a Agressão Psicológica no contexto das suas relações íntimas. Recordemos Esplugues (2004), que refere que a violência psicológica ou emocional tem por base controlo, ofensas, atitudes de desprezo e outras. A Agressão Psicológica, como é subtil, pode passar despercebida e ter um impacto muito maior do que aquele que as pessoas pensam. Talvez por isso os sujeitos a legitimem deste modo. Como refere Bompastor (2014), com base em De Ferrante e colaboradores (2009), este tipo de agressão é o mais grave dado que é muito difícil que as pessoas o percecionem como sendo realmente uma forma de abuso.

Foram encontradas correlações moderadas positivas entre a História 1 e a Vitimização do Abuso Físico sem Sequelas, assim como

entre a História 3 e o Abuso Físico sem Sequelas. Ou seja, à medida que a legitimização aumenta na História 1, aumenta a Vitimização do Abuso Físico sem Sequelas (o facto de se sofrer deste tipo de agressão). Recordemos que o Abuso Físico sem Sequelas é definido por Alexandra e Figueiredo (2006), com base em Straus (1990), como “o uso da força física contra outra pessoa não resultando em dano físico” (p. 16).

A História 1 refere, precisamente, um homem que agride a esposa psicologicamente, sendo que por vezes o faz fisicamente, e os filhos nem sequer dão conta disto. A História 3 é idêntica, mas neste caso é um casal de classe média baixa. Também nesta História, a mulher é agredida fisicamente, mas nunca foi preciso auxílio médico devido a tal. Os resultados destas correlações levam-nos a colocar a hipótese de que as pessoas que sofrem este tipo de abuso, podem sentir-se culpadas e tentar normalizar a situação, legitimando situações similares.

Encontramos também uma correlação moderada positiva entre a História 1 e a Vitimização da Agressão Psicológica. Recordemos o que nos diz Alexandra e Figueiredo (2006), com base em Straus (1990) sobre este tipo de abuso: “consiste em recorrer a actos verbais (ameaças) e não-verbais (simbólicos) que são susceptíveis de magoar o outro” (p. 16). Como refere a História 1, o homem agride verbalmente a mulher e humilha-a. Esta dinâmica pode estar relacionada com um contexto em que existe vergonha por parte da vítima, e que pode levar a que ela se afaste da sociedade, como refere Manita e colaboradores (2009). Por outro lado, pode dar a entender aos outros que está tudo bem, o que pode estar relacionado com a legitimização desta História por parte das pessoas que sofrem este tipo de abuso.

5.6 Correlações entre as variadas táticas de resolução de conflitos - perpetração e vitimização

O facto de existir uma correlação positiva forte entre a *perpetração* e a *vitimização* da *Negociação* traduz que a comunicação de afetos positivos e modos saudáveis de resolver conflitos é bilateral, sendo, portanto, um resultado saudável e satisfatório.

Verificamos que existem correlações positivas fortes entre a *perpetração* e a *vitimização* da *Agressão Psicológica* (resultado também encontrado, por exemplo, em Bompastor em 2014), e a *perpetração* e a *vitimização* do Abuso Físico sem Sequelas são resultados que nos deixam tristes, e que traduzem uma bidirecionalidade de comportamentos violentos. Se nenhum dos elementos da díade toma a decisão de parar, é muito difícil de sair de relações deste tipo. Também Spilker (2014) encontrou correlações moderadas a fortes entre a *vitimização* e *perpetração* de algumas táticas de resolução de conflito.

Há também uma correlação positiva forte entre a *perpetração* da *Agressão Psicológica* e do *Abuso Físico sem Sequelas*. Recordemos que os dois tipos de abuso estão relacionados e um poderá levar facilmente ao outro, num momento de escalada. Como refere Conti (1998), ao citar Neves (2008), a violência psicológica precede quase sempre a violência física e sexual. Antes da violência física com sequelas surgir, é natural que surja aquela sem sequelas, dado que, como refere Manita e colaboradores (2009), a violência é constituída por um ciclo. O facto de haver uma correlação positiva moderada entre a *vitimização* da *Agressão Psicológica* e a *vitimização* do *Abuso Físico sem Sequelas* e entre a *vitimização* da *Agressão Psicológica* e a *vitimização* da coerção sexual pode traduzir análises semelhantes.

Encontramos, de igual modo, uma correlação positiva forte entre a *perpetração* do *Abuso Físico sem Sequelas* e a *vitimização* da *Agressão Psicológica*. A utilização do *Abuso Físico sem Sequelas*

podem traduzir um mecanismo de defesa por aqueles que sofrem de *Agressão Psicológica*. Do mesmo modo, foram encontradas correlações positivas moderadas entre a *perpetração* da *Agressão Psicológica* e a *vitimização* do *Abuso Físico sem Sequelas*, e entre a *perpetração* da *Agressão Psicológica* e a *vitimização* da *Coerção Sexual*, o que pode traduzir mecanismos semelhantes, mas desta vez ao contrário.

Por outro lado, foram encontradas correlações positivas moderadas entre a *perpetração* da *Negociação* e a *vitimização* do *Abuso Físico sem Sequelas*. Este resultado leva-nos a pensar que a vítima tenta “acalmar” o agressor através de estratégias saudáveis resolução de conflitos, como a *Negociação*, tentando que o seu comportamento mude e mantendo a relação. Como refere Manita e colaboradores (2009), através de comportamentos afeitos por parte do agressor, a vítima tenta continuar a viver a sua vida normalmente: “A esperança na mudança é reforçada pela vontade que esta (vítima) tem de ver o seu “projecto de vida a dois” ser bem-sucedido” (p. 29).

Há um resultado que nos surpreendeu: a correlação positiva moderada entre a *perpetração* da *Negociação* e a *perpetração* do *Abuso Físico sem Sequelas*, o que parece traduzir uma contradição. Numa tentativa de leitura, recordamos um mecanismo de conjugalidade usado para manter a relação e típico das relações em que há VPI, em que o agressor tem um comportamento paradoxal, o que cria dúvidas na vítima, e em conjunto com outros fatores pode manter a relação (Manita e colaboradores, 2009).

VI. Conclusões

A violência é um problema muito grave e que pode ser manifestado de diversas formas. Neste caso, analisámos a VPI, uma problemática muito complexa e que afeta pessoas de todas as classes, contextos sociais e de qualquer idade. Sendo assim, revela-se muito

importante a existência de investigação nesta área. Em relação ao nosso estudo, a sua relevância consiste exatamente na amostra, dado que é composta por jovens que têm e possivelmente terão no futuro um papel muito ativo na sociedade, cujas decisões e opiniões poderão influenciar a vida de outras pessoas. Portanto, é essencial conhecer as representações sociais da VPI destes sujeitos e através disso, conceber melhores formas de prestar formação sobre esta temática aos mesmos, para que eles, no futuro, possam exercer a sua função proativa na sociedade de modo mais saudável para a população em geral e na atuação com pessoas que sofrem de VPI.

Os resultados demonstram que há uma baixa legitimação da VPI, sendo que não encontramos diferenças estatisticamente significativas entre os jovens pertencentes a juventudes políticas/partidos políticos e jovens voluntários. Apenas no item “Ausência de denúncia da violência conjugal”, correspondente ao fator *manutenção*, os jovens pertencentes a juventudes partidárias/partidos políticos pontuam mais.

Em relação à utilização de táticas de resolução de conflitos, também não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos em estudo. A tática mais utilizada é a *Negociação*, sendo que a tática violenta a que tanto os jovens da nossa amostra como os seus companheiros(as) recorrem mais é a *Agressão Psicológica*. Também sabemos que “no ano anterior”, a maioria dos jovens recorreu pelo menos a uma tática de resolução de conflitos violenta. Seria útil compreender se o comportamento destes jovens nas suas próprias relações influencia o modo como agem perante casos de VPI na sua vivência do dia-a-dia, algo que poderia ser investigado posteriormente.

O nosso estudo tem algumas limitações sobre as quais é necessário refletir. Em primeiro lugar, o protocolo é longo, o que pode ter levado ao facto de termos muitos questionários parcialmente preenchidos, o que contribuiu para que a amostra não fosse maior. Em

segundo lugar, o facto de haver uma disparidade entre o número de indivíduos do sexo feminino e do sexo masculino. Teria sido interessante ter mais pessoas pertencentes a juventudes partidárias/partidos políticos a participar nesta investigação. De facto, foi mais difícil chegar a estas pessoas do que conseguir obter respostas por parte dos voluntários.

Por fim, seria útil o protocolo incluir uma escala de deseabilidade, dado que o tema da VPI é muito sensível, especialmente quando as questões remetem às próprias relações dos sujeitos.

Realizar este trabalho levou-nos a pensar bastante nas implicações que pode ter na prática e na vida do dia-a-dia. De facto, os jovens da nossa amostra, que têm um papel tão ativo na sociedade, têm o poder de agir e intervir em casos de VPI; no caso dos jovens pertencentes a juventudes partidárias/partidos políticos, tal intervenção pauta-se na deliberação e debate de ideias, partilha de ideologias e formação de leis, e no caso dos voluntários, há uma intervenção mais direta com pessoas que podem sofrer deste tipo de violência. O facto de haver uma baixa legitimização no nosso estudo é algo que nos deixa relativamente tranquilas em relação à atuação destes indivíduos. No entanto, o facto de os resultados revelarem ainda uma justificação da violência baseada, por exemplo, na doença mental do agressor, ou no consumo de álcool ou drogas por parte deste são resultados mais insatisfatórios. O papel do psicólogo deve passar por tentar, a nível comunitário, desmistificar estes mitos, explicar às pessoas as características e ciclo da VPI, e nunca legitimar a violência, passando sempre à vítima todas as informações necessárias sobre apoios a que ela pode aceder. Tal pode acontecer por exemplo a nível clínico.

Por outro lado, o facto de haver uma alta pontuação no item “Sensibilizar/educar os jovens, na escola, para que não aceitem a violência na relação de namoro ou de casal” é muito interessante e

pode levar a uma intervenção mais direta na escola, conjugando e aproximando as relações entre casa-escola, no sentido de conceder aos jovens uma formação real e rigorosa sobre a VPI.

No que diz respeito a futuras investigações, propomos a realização de uma comparação entre jovens e indivíduos adultos particularmente ativos na sociedade e, também, entre sujeitos pertencentes a diversas fações políticas.

Bibliografia

Aguilar, R. (2010). *Representações sociais em torno da violência conjugal: estudo de validação do questionário de violência conjugal: histórias (QRVC-HIS) e do questionário de violência conjugal: causas, manutenção e resolução (QVC-CMR) com uma amostra da população geral* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra, Coimbra.

Alexandra, C., & Figueiredo, B. (2006). Versão portuguesa das “Escala de Táticas e Conflito Revisadas”: estudo de validação. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(2), 14-39.

Alferes, V. R. (1997). Encenações e comportamentos sexuais.

Álvarez-Torres, C., & Monsiváis-Carrillo, A. (2015). Democracia, capacidades deliberativas e inclusión política juvenil: el caso de Baja California. *Revista mexicana de ciencias políticas y sociales*, 60(225), 161-202.

Alves, M. P., Amâncio, L., & Alferes, V. R. (2008). Género e representações sociais: duplo-padrão sexual em função da religião e da posição política. *Psicologia*, 22(2), 139-160.

APAV (2016): Relatório Anual. Retirado de: https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV_Relatorio_Anual_2016.pdf

Bompastor, A. (2014). *Representações sociais da violência entre parceiros íntimos numa amostra de profissionais de saúde: que olhares nos atendem?* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra, Coimbra.

Bonet, A. (2014). Nuevas democracias, nuevos códigos políticos en estos tiempos de indignaciones. *Código*, 6, 79-91. Instituto Internacional Casa de Mateus.

Código penal português (2017). Consultado em http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=109&tab

ela=leis&so_miolo=

Costa, C. (2014). *Que representações sociais da violência entre parceiros íntimos têm os estudantes de enfermagem, medicina e serviço social? O papel da formação* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra, Coimbra.

Cruz, A. (2014). *Representações sociais da violência entre parceiros íntimos: estudo exploratório junto de profissionais de saúde. Influência do sexo e anos de experiência profissional* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra, Coimbra.

Esplugues, J. (2004). *El laberinto de la violencia*. Barcelona: Ariel.

Ferreira, P. R. B. (2012). *As juventudes partidárias são uma escola?* Departamento de Educação e Psicologia. Universidade de Aveiro, Aveiro.

Fonseca, M. D. L. (2001). Cidadania, democracia, juventude e voluntariado numa abordagem sociológica. *Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP-UTL)*.

INE. (2010). *Classificação portuguesa das profissões*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Recuperado de <http://azores.gov.pt/NR/rdonlyres/2750F07D-9748-438F-BA47-7AA1F8C3D794/0/PPP2010.pdf>

INE. (2014). *Tipologia das áreas urbanas*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Recuperado de <http://smi.ine.pt/Versao/Download/10129>

Lo, J. C. (2017). Empowering Young People through Conflict and Conciliation: Attending to the Political and Agonism in Democratic Education. *Democracy and Education*, 25(1), 1-9.

Manita, C., Ribeiro, C., & Peixoto, C. (2009). *Violência*

Jovens pertencentes a juventudes políticas/partidos políticos e jovens voluntários: Um olhar sobre a violência entre parceiros íntimos
Ana Isabel Martins de Carvalho (e-mail: ana5a@hotmail.com) 2018

Doméstica: Compreender para Intervir, Guia de Boas Práticas para Profissionais de Saúde. Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género: Lisboa.

Maroco, J. (2007) *Análise estatística: com o SPSS statistics*. (3ed.). Lisboa: Sílabo.

Mena, J. (2016). *Representações Sociais da Violência Entre Parceiros Íntimos: Legitimação e resolução de conflitos* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação: Universidade de Coimbra, Coimbra.

Neves, S. (2008). *Amor, Poder e Violências na Intimidade: Os caminhos entrecruzados do pessoal e do político*. Coimbra: Quarteto.

Oliveira, T. C. D. (2011). *Democracia na escola: o primeiro passo para a formação de cidadãos participativos*. Monografia de especialização. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Paraná.

OMS – Organização Mundial da Saúde (2012): *Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher. Ação e produção de evidência*. Retirado de: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/44350/3/9789275716359_por.pdf?ua=1

Paiva, L. (2010). *Violência conjugal: representações sociais e atribuições numa amostra de estudantes de psicologia do mestrado integrado* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra, Coimbra.

Pallant, J. (2013). *SPSS survival manual*. McGraw-Hill Education (UK).

Porto, M. S. G. (2006). Crenças, valores e representações sociais da violência. *Sociologias*, 8(16), 250-273.

Postmus, J. L., McMahan, S., Warrener, C., & Macri, L. (2011). Factors that influence attitudes, beliefs, and behaviors of students toward survivors of violence. *Journal of Social Work*

Education, 47(2), 303-319.

Rodrigues, S. Y. C. (2010). *Forças de carácter em jovens voluntários do projecto salsal*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Lisboa, Lisboa.

Silva, S. (2015). *Representações sociais da Violência entre Parceiros Íntimos numa amostra de enfermeiros e assistentes sociais: estudo exploratório* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra, Coimbra.

Silva, M. (2017). *Estudo comparativo das Representações Sociais da Violência nos Parceiros Íntimos entre os Psicólogos e Profissionais do sector da saúde* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação: Universidade de Coimbra, Coimbra.

Sosa, G. R. A. (2013). Las representaciones sociales de la violencia en las relaciones de pareja en Medellín en el siglo XXI. *CES Psicología*, 6(1), 134-158.

Spilker, R. (2014). *Estudo exploratório no âmbito da Violência entre Parceiros Íntimos: Representações Sociais numa amostra de Médicos e Estudantes de Medicina* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra, Coimbra.

Spink, M. J. P. (1993). O conceito de representação social na abordagem psicossocial. *Cadernos de Saúde Pública*, 9(3), 300-308

Sprague, S., Kaloty, R., Madden, K., Dosanjh, S., Mathews, D. J., & Bhandari, M. (2013). Perceptions of intimate partner violence: a cross sectional survey of surgical residents and medical students. *Journal of Injury and Violence Research*, 5(1), 1-10.

Straus, M. A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence against women*, 10(7), 790-811.

Vasconcelos, M. (2014). *As diferenças de sexo nas representações sociais da violência entre parceiros íntimos numa amostra de estudantes de saúde, serviço social e militares* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra, Coimbra.

Vieira, A. (2013). *Representações sociais da Violência entre Parceiros Íntimos numa amostra de estudantes do ensino superior: o género fará a diferença?* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra, Coimbra.

World Health Organization. (2014). *Global Status Report on Violence prevention 2014*. Geneva: World Health Organization.

Anexos

Anexo I: Consistência interna dos instrumentos

1. Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução

Tabela 1. Alfa de Cronbach para o Fator Ativação (QVC-CMR)

<i>Alfa de Cronbach</i>	Nº de itens
0,801	14

Tabela 2. Item-Total Statistics: Fator Ativação (QVC-CMR)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	<i>Alfa de Cronbach se o item for excluído</i>
QVC – A1	32,55	32,204	,489	,784
QVC – A2	32,90	35,838	,016	,823
QVC – A3	32,99	31,942	,439	,787
QVC – A4	32,55	31,855	,414	,789
QVC – A5	33,21	31,282	,495	,782
QVC – A6	32,70	31,189	,586	,776
QVC – A7	32,64	31,023	,501	,782
QVC – A8	33,24	32,255	,483	,784
QVC – A9	33,30	31,049	,579	,776
QVC – A10	32,67	30,736	,608	,774
QVC – A11	32,55	33,506	,283	,799
QVC – A12	32,26	32,197	,429	,788
QVC – A13	32,62	32,052	,451	,786
QVC – A14	33,75	34,145	,214	,805

Tabela 3. Alfa de Cronbach para o fator Manutenção (QVC-CMR)

<i>Alfa de Cronbach</i>	Nº de itens
0,770	14

Tabela 4. Item-Total Statistics: Fator Manutenção (QVC-CMR)

	Média de escala se	Variância de escala se o	Correlação de item total	<i>Alfa de Cronbach se</i>
--	-----------------------	-----------------------------	-----------------------------	--------------------------------

Jovens pertencentes a juventudes políticas/partidos políticos e jovens voluntários: Um olhar sobre a violência entre parceiros íntimos
Ana Isabel Martins de Carvalho (e-mail: ana5a@hotmail.com) 2018

	o item for excluído	item for excluído	corrigida	o item for excluído
QVC – M1	37,74	24,546	,275	,765
QVC – M2	37,94	22,822	,525	,745
QVC – M3	38,52	23,555	,296	,765
QVC – M4	38,41	21,780	,437	,751
QVC – M5	38,18	22,687	,454	,750
QVC – M6	38,45	22,832	,404	,754
QVC – M7	38,31	22,751	,455	,750
QVC – M8	37,97	22,476	,439	,751
QVC – M9	38,46	22,088	,414	,754
QVC – M10	38,51	22,485	,453	,749
QVC – M11	38,43	24,759	,136	,779
QVC – M12	38,21	23,468	,414	,754
QVC – M13	37,97	23,638	,373	,757
QVC – M14	38,76	23,650	,325	,761

Tabela 5. Alfa de Cronbach para o fator Resolução (QVC-CMR)

<i>Alfa de Cronbach</i>	Nº de itens
0,51	14

Tabela 6. Item-total Statistics: Fator Resolução (QVC-CMR)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	<i>Alfa de Cronbach</i> se o item for excluído
QVC – R1	40,95	21,603	,317	,741
QVC – R2	40,94	21,148	,368	,736
QVC – R3	40,66	22,066	,365	,739
QVC – R4	41,22	20,917	,354	,737
QVC – R5	40,63	21,700	,368	,737
QVC – R6	41,67	20,364	,314	,745
QVC – R7	41,07	20,670	,463	,727
QVC – R8	41,93	21,460	,200	,757
QVC – R9	40,99	20,128	,521	,720
QVC – R10	41,61	19,939	,430	,729
QVC – R11	41,52	19,997	,379	,736
QVC – R12	41,68	20,384	,416	,730
QVC – R13	41,03	21,057	,450	,729
QVC – R14	40,59	22,362	,264	,745

2. Escala de Táticas de Conflito Revisadas (CTS-2)

Tabela 7. Alfa de Cronbach para a Perpetração (CTS-2)

<i>Alfa de Cronbach</i>	Nº de itens
0,796	58

Tabela 8. Alfa de Cronbach para a Vitimização (CTS-2)

<i>Alfa de Cronbach</i>	Nº de itens
0,751	58

Tabela 9. Alfa de Cronbach para a Negociação – Perpetração (CTS-2)

<i>Alfa de Cronbach</i>	Nº de itens
0,761	6

Tabela 10. Item-Total Statistics: Negociação – Perpetração (CTS-2)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	<i>Alfa de Cronbach se o item for excluído</i>
CTS-2 - 1	20,31	49,727	,415	,749
CTS-2 – 13	20,40	47,612	,428	,745
CTS-2 – 39	21,55	37,585	,689	,670
CTS-2 - 3	20,05	52,997	,372	,759
CTS-2 – 59	22,93	40,837	,454	,749
CTS-2 - 77	22,34	35,809	,718	,658

Tabela 11. Alfa de Cronbach para a Negociação – Vitimização (CTS-2)

<i>Alfa de Cronbach</i>	Nº de itens
0,720	6

Tabela 12. Item-Total Statistics: Negociação – Vitimização (CTS-2)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	<i>Alfa de Cronbach se o item for excluído</i>
CTS-2 – 2	19,43	52,916	,452	,684
CTS-2 – 14	19,91	48,431	,511	,664
CTS-2 – 40	20,88	44,073	,627	,623
CTS-2 – 4	19,29	62,316	,107	,761
CTS-2 – 60	22,34	49,598	,403	,699
CTS-2 - 78	21,41	42,106	,618	,623

Tabela 13. Alfa de Cronbach para a Agressão Psicológica – Perpetração (CTS-2)

<i>Alfa de Cronbach</i>	Nº de itens
0,730	8

Tabela 14. Item-Total Statistics: Agressão Psicológica – Perpetração (CTS-2)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	<i>Alfa de Cronbach se o item for excluído</i>
CTS-2 – 5	3,74	28,300	,595	,685
CTS-2 – 35	4,62	37,854	,519	,682
CTS-2 – 49	4,53	34,464	,727	,628
CTS-2 – 67	4,88	39,547	,602	,667
CTS-2 – 25	5,36	47,744	,214	,738
CTS-2 - 29	5,50	45,693	,498	,701
CTS-2 – 65	5,64	52,025	,226	,739
CTS-2 - 69	5,67	52,505	,232	,741

Tabela 15. Alfa de Cronbach para a Agressão Psicológica – Vitimização

<i>Alfa de Cronbach</i>	Nº de itens
0,690	8

Tabela 16. Item-Total Statistics para a Agressão Psicológica – Vitimização

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	<i>Alfa de Cronbach se o item for excluído</i>
CTS-2 – 6	3,14	18,437	,627	,585
CTS-2 – 36	3,19	19,700	,511	,630
CTS-2 – 50	3,38	18,941	,726	,552
CTS-2 – 68	3,48	22,324	,524	,621
CTS-2 – 26	4,09	29,764	,129	,703
CTS-2 - 30	4,22	31,300	,100	,701
CTS-2 – 66	4,28	31,326	,280	,698
CTS-2 - 70	4,28	31,326	,280	,698

Tabela 17. Alfa de Cronbach para o Abuso Físico sem Sequelas – Perpetração (CTS-2)

<i>Alfa de Cronbach</i>	Nº de itens
0,641	12

Tabela 18. Item-Total Statistics para o Abuso Físico sem Sequelas – Perpetração (CTS-2)

Jovens pertencentes a juventudes políticas/partidos políticos e jovens voluntários: Um olhar sobre a violência entre parceiros íntimos
Ana Isabel Martins de Carvalho (e-mail: ana5a@hotmail.com) 2018

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
CTS-2 – 7	,93	7,328	,559	,552
CTS-2 – 9	1,36	12,165	,365	,626
CTS-2 – 17	1,07	7,644	,508	,571
CTS-2 – 45	1,22	8,212	,672	,514
CTS-2 – 53	1,41	12,528	,362	,635
CTS-2 – 21	1,41	12,528	,362	,635
CTS-2 – 27	1,29	11,263	,122	,665
CTS-2 – 33	1,41	12,528	,362	,635
CTS-2 – 37	1,41	12,528	,362	,635
CTS-2 – 43	1,41	12,528	,362	,635
CTS-2 – 61	1,41	12,528	,362	,635
CTS-2 - 73	1,38	12,345	,310	,631

Tabela 19. Alfa de Cronbach para o Abuso Físico sem Sequelas – Vitimização (CTS-2)

Alfa de Cronbach	Nº de itens
0,449	12

Tabela 20. Item-Total Statistics para o Abuso Físico sem Sequelas – Vitimização (CTS-2)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
CTS-2 – 8	1,38	8,696	,411	,331
CTS-2 – 10	1,57	10,144	,119	,447
CTS-2 – 18	1,40	9,752	,044	,505
CTS-2 – 46	1,45	9,374	,102	,475
CTS-2 – 54	1,64	9,954	,633	,355
CTS-2 – 22	1,72	11,396	,367	,435
CTS-2 – 28	1,57	8,986	,320	,367
CTS-2 – 34	1,67	11,101	,170	,432
CTS-2 – 38	1,59	10,703	,071	,458
CTS-2 – 44	1,72	11,396	,367	,435
CTS-2 – 62	1,72	11,396	,367	,435
CTS-2 – 74	1,72	11,396	,367	,435

Tabela 21. Alfa de Cronbach para a Coerção Sexual – Perpetração (CTS-2) – com item 15 excluído

Alfa de Cronbach	Nº de itens
0,571	6

Jovens pertencentes a juventudes políticas/partidos políticos e jovens voluntários: Um olhar sobre a violência entre parceiros íntimos
Ana Isabel Martins de Carvalho (e-mail: ana5a@hotmail.com) 2018

Tabela 22. Item-Total Statistics para a Coerção Sexual – Perpetração (CTS-2)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
CTS-2 – 15	,28	1,361	,115	,571
CTS-2 – 31	,62	3,222	,203	,261
CTS-2 – 63	,62	2,696	,277	,187
CTS-2 – 19	,71	3,544	,376	,285
CTS-2 – 47	,71	3,544	,376	,285
CTS-2 – 57	,71	3,544	,376	,285
CTS-2 – 75	,71	3,544	,376	,285

**Tabela 23. Alfa de Cronbach para a Coerção Sexual – Vitimização (CTS-2) – com item 16
excluído**

Alfa de Cronbach	Nº de itens
0,563	6

Tabela 24. Item-Total Statistics para a Coerção Sexual – Vitimização (CTS-2)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
CTS-2 – 16	,64	4,235	,063	,563
CTS-2 – 32	,74	3,388	,350	,240
CTS-2 – 64	1,05	5,348	,449	,274
CTS-2 – 20	1,14	6,612	,253	,399
CTS-2 – 48	1,14	6,612	,253	,399
CTS-2 – 58	1,09	5,624	,513	,291
CTS-2 – 76	1,14	6,612	,253	,399

2.1 Escala de Táticas de Conflito Revisadas (CTS-2) – Abuso Físico com Sequelas

Tabela 24. Alfa de Cronbach para o Abuso Físico com Sequelas – Perpetração (CTS-2)

Alfa de Cronbach	Nº de itens
1.000	6

Tabela 25. Item-Total Statistics para o Abuso Físico com com Sequelas – Perpetração (CTS-2)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
CTS-2 – 11	,09	,431	1,000	1,000
CTS-2 – 71	,09	,431	1,000	1,000
CTS-2 – 23	,09	,431	1,000	1,000
CTS-2 – 31	,09	,431	1,000	1,000
CTS-2 – 41	,09	,431	1,000	1,000
CTS-2 – 55	,09	,431	1,000	1,000

Tabela 26. Alfa de Cronbach para o Abuso Físico com Sequelas – Vitimização (CTS-2)

Alfa de Cronbach	Nº de itens
0,360	6

Tabela 27. Item-Total Statistics para o Abuso Físico com Sequelas – Vitimização (CTS-2)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
CTS-2 – 12	,09	,431	,104	1,000
CTS-2 – 72	,28	1,431	,528	,278
CTS-2 – 24	,28	1,431	,528	,278
CTS-2 – 32	,28	1,431	,528	,278
CTS-2 – 42	,28	1,431	,528	,278
CTS-2 – 56	,28	1,431	,528	,278

3. Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC-HIS)

Tabela 28. Alfa de Cronbach para a Escala Completa (QVC-Histórias)

Alfa de Cronbach	Nº de itens
0,933	30

Tabela 29. Item-Total Statistics para a Escala Completa (QVC-Histórias)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
HIST 1 - 1	37,55	80,345	,378	,933
HIST 1 – 2	37,49	79,712	,407	,933

HIST 1 – 3	37,52	79,335	,559	,932
HIST 1 – 4	37,56	79,732	,571	,932
HIST 1 – 5	37,50	79,829	,440	,932
HIST 1 – 6	37,02	77,105	,324	,937
HIST 1 – 7	37,59	80,338	,569	,932
HIST 1 – 8	37,37	77,366	,535	,931
HIST 1 – 9	37,56	79,802	,489	,932
HIST 1 - 10	37,51	79,218	,506	,932
HIST 2 - 1	37,30	76,355	,703	,929
HIST 2 – 2	37,34	76,320	,690	,929
HIST 2 – 3	37,33	76,410	,674	,930
HIST 2 – 4	37,22	74,456	,715	,929
HIST 2 – 5	37,15	75,095	,612	,930
HIST 2 – 6	37,20	75,408	,623	,930
HIST 2 – 7	37,35	75,430	,765	,928
HIST 2 – 8	36,71	73,762	,542	,933
HIST 2 – 9	37,41	77,609	,616	,931
HIST 2 - 10	37,21	76,167	,592	,931
HIST 3 - 1	37,37	77,083	,565	,931
HIST 3 – 2	36,97	76,058	,468	,933
HIST 3 – 3	37,44	77,732	,561	,931
HIST 3 - 4	37,52	79,029	,612	,931
HIST 3 - 5	37,45	78,298	,568	,931
HIST 3 – 6	37,37	76,401	,613	,930
HIST 3 – 7	37,43	77,119	,660	,930
HIST 3 – 8	37,47	77,452	,698	,930
HIST 3 – 9	37,49	78,253	,670	,930
HIST 3 - 10	37,49	79,123	,535	,932

Tabela 30. Alfa de Cronbach para a História 1 (QVC-Histórias)

<i>Alfa de Cronbach</i>	Nº de itens
0,752	10

Tabela 31. Item-Total Statistics para a História 1 (QVC-Histórias)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total de item total corrigida	<i>Alfa de Cronbach se o item for excluído</i>
HIST 1 - 1	12,10	6,373	,553	,741
HIST 1 – 2	12,05	6,347	,466	,747
HIST 1 – 3	12,08	6,447	,522	,744
HIST 1 – 4	12,11	6,545	,549	,745
HIST 1 – 5	12,05	6,440	,463	,748
HIST 1 – 6	11,56	5,877	,189	,833
HIST 1 – 7	12,15	6,570	,683	,742
HIST 1 – 8	11,93	5,949	,453	,748

HIST 1 – 9	12,10	6,373	,553	,741
HIST 1 - 10	12,07	6,181	,595	,734

Tabela 32. Alfa de Cronbach para a História 2 (QVC – Histórias)

<i>Alfa de Cronbach</i>	Nº de itens
0,903	10

Tabela 33. Item-Total Statistics para a História 2 (QVC-Histórias)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	<i>Alfa de Cronbach se o item for excluído</i>
HIST 2 - 1	12,95	16,327	,818	,886
HIST 2 – 2	12,99	16,435	,768	,888
HIST 2 – 3	12,98	16,658	,704	,892
HIST 2 – 4	12,87	15,760	,732	,888
HIST 2 – 5	12,80	16,278	,575	,900
HIST 2 – 6	12,85	16,247	,624	,896
HIST 2 – 7	13,00	16,518	,717	,891
HIST 2 – 8	12,36	15,221	,564	,908
HIST 2 – 9	13,06	17,326	,621	,897
HIST 2 - 10	12,86	16,216	,681	,892

Tabela 34. Alfa de Cronbach para a História 3 (QVC-Histórias)

<i>Alfa de Cronbach</i>	Nº de itens
0,867	10

Tabela 35. Item-Total Statistics para a História 3 (QVC-Histórias)

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	<i>Alfa de Cronbach se o item for excluído</i>
HIST 3 - 1	11,22	8,940	,494	,863
HIST 3 – 2	10,82	8,315	,456	,879
HIST 3 – 3	11,30	8,979	,564	,856
HIST 3 – 4	11,38	9,308	,705	,851
HIST 3 – 5	11,31	9,333	,515	,860
HIST 3 – 6	11,23	8,458	,634	,851
HIST 3 – 7	11,29	8,626	,732	,843
HIST 3 – 8	11,32	8,872	,726	,845
HIST 3 – 9	11,34	9,136	,710	,849
HIST 3 - 10	11,34	9,275	,642	,853

Anexo II: Resultados

1. Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução

Tabela 36. Análise descritiva dos itens do Fator Ativação

	Média	Desvio padrão
QVC-C1	2,83	0,735
QVC-C2	2,48	0,900
QVC-C3	2,39	0,840
QVC-C4	2,83	0,892
QVC-C5	2,17	0,865
QVC-C6	2,68	0,770
QVC-C7	2,74	0,895
QVC-C8	2,14	0,734
QVC-C9	2,08	0,796
QVC-C10	2,71	0,806
QVC-C11	2,83	0,810
QVC-C12	3,11	0,813
QVC-C13	2,76	0,806
QVC-C14	1,63	0,809

Tabela 37. Análise descritiva dos itens do Fator Manutenção

	Média	Desvio padrão
QVC-M1	3,48	0,547
QVC-M2	3,28	0,623
QVC-M3	2,70	0,764
QVC-M4	2,80	0,913
QVC-M5	3,03	0,723
QVC-M6	2,77	0,758
QVC-M7	2,91	0,709
QVC-M8	3,25	0,781
QVC-M9	2,76	0,889
QVC-M10	2,71	0,761
QVC-M11	2,79	0,749
QVC-M12	3,01	0,619
QVC-M13	3,25	0,633
QVC-M14	2,46	0,696

Tabela 38. Análise descritiva dos itens do Fator Resolução

	Média	Desvio padrão
QVC-R1	3,39	0,635
QVC-R2	3,40	0,673

QVC-R3	3,69	0,465
QVC-R4	3,13	0,744
QVC-R5	3,71	0,548
QVC-R6	2,68	0,934
QVC-R7	3,28	0,659
QVC-R8	2,41	0,883
QVC-R9	3,36	0,698
QVC-R10	2,74	0,842
QVC-R11	2,83	0,905
QVC-R12	2,67	0,773
QVC-R13	3,31	0,597
QVC-R14	3,76	0,505

Tabela 39. Teste T-Student para Amostras Independentes (Variável Independente: Género)

	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferenças médias	Erro Padrão da diferença	95% de intervalo de confiança Inferior/Superior
Fator Ativação	-0,084	85	0,934	-0,128	1,529	-3,168/2,913
Fator Manutenção	1,810	85	0,074	2,297	1,269	- 2,227/4,820
Fator Resolução	0,523	85	0,602	0,643	1,230	-1,802/3,087

Tabela 40. Teste T-Student para Amostras Independentes (Variável

Independente: político(a)/voluntário(a)

	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferenças médias	Erro Padrão da diferença	95% de intervalo de confiança Inferior/Superior
Fator Ativação	-1,202	85	0,233	-1,591	1,323	-4,222/1,040
Fator Manutenção	-2,532	85	0,013	-2,755	1,088	- 4,919/-0,592
Fator Resolução	-0,493	85	0,623	-0,529	1,073	-2,663/1,605

2. Escala de Táticas de Conflito Revisadas (CTS-2)

Tabela 41. Análise descritiva da perpetração de táticas de resolução de conflitos – Cronicidade

	Média	Desvio padrão
Negociação	73,67	40,39
Agressão Psicológica	8,26	13,15
Abuso Físico sem Sequelas	1,50	4,19
Coerção Sexual	0,47	2,28

Tabela 42. Análise descritiva da vitimização de táticas de resolução de conflitos – Cronicidade

Tática	Média	Desvio padrão
Negociação	74,60	41,28
Agressão Psicológica	6,26	10,03
Abuso Físico sem Sequelas	2,41	6,17
Coerção Sexual	0,81	3,23

Tabela 43. Teste T-Student para Amostras Independentes (Variável Independente: género) – Perpetração da Cronicidade

	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferenças médias	Erro Padrão da diferença	95% de intervalo de confiança Inferior/Superior
Negociação	0,905	56	0,369	10,978	12,131	-13,323/35,279
Agressão Psicológica	-0,821	56	0,415	-3,248	3,955	-11,170/4,674
Abuso Físico sem Sequelas	-1,528	14,012	0,149	-1,710	1,119	-4,110/0,690
Coerção Sexual	-1,258	56	0,214	-1,574	1,251	-4,080/0,933

Tabela 44. Teste T-Student para Amostras Independentes (Variável Independente: género) – Vitimização da Cronicidade

	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferenças médias	Erro Padrão da diferença	95% de intervalo de confiança Inferior/Superior
Negociação	0,892	56	0,376	11,065	12,401	-13,776/35,906
Agressão Psicológica	-1,422	56	0,161	-4,237	2,980	-10,206/1,732
Abuso Físico sem Sequelas	-0,376	56	0,708	-0,701	1,863	-4,432/3,031
Coerção Sexual	-1,007	56	0,318	-0,975	0,969	-2,916/0,965

Tabela 45. Teste T-Student para Amostras Independentes (Variável Independente: político/voluntário) – Perpetração da Cronicidade

	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferenças médias	Erro Padrão da diferença	95% de intervalo de confiança Inferior/Superior
Negociação	-0,379	56	0,706	-4,140	10,924	-26,023/17,743
Agressão Psicológica	-1,250	56	0,216	-4,391	3,513	-11,428/2,645
Abuso Físico sem Sequelas	-0,095	56	0,925	-0,108	1,136	-2,383/2,167
Coerção Sexual	0,917	24,637	0,368	0,670	0,730	-0,835/2,174

Tabela 46. Teste T-Student para Amostras Independentes (Variável Independente: político/voluntário) – Vitimização da Cronicidade

	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferenças médias	Erro Padrão da diferença	95% de intervalo de confiança Inferior/Superior
Negociação	0,459	56	0,648	5,124	11,158	-17,227/27,476
Agressão Psicológica	-1,044	56	0,301	-2,806	2,689	-8,193/2,580
Abuso Físico sem Sequelas	-0,629	56	0,532	-1,046	1,664	-4,378/2,286
Coerção Sexual	0,-135	56	0,893	-0,118	0,875	-1,870/1,634

Tabela 47. Análise descritiva da perpetração de táticas de resolução de conflitos – Prevalência

Tática	%
Negociação	94,82%
Agressão Psicológica	63,79%
Abuso Físico sem Sequelas	25,41%
Coerção Sexual	6,90%

Tabela 48. Análise descritiva da vitimização de táticas de resolução de conflitos – Prevalência

Tática	%
Negociação	94,82%
Agressão Psicológica	56,89%
Abuso Físico sem Sequelas	24,14%
Coerção Sexual	3,79%

Tabela 49. Teste T-Student para Amostras Independentes (Variável Independente: gênero) – Perpetração da prevalência

	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferenças médias	Erro Padrão da diferença	95% de intervalo de confiança Inferior/Superior
Negociação	1,274	56	0,208	60,620	47,565	-34,664/155,905
Agressão Psicológica	-1,075	56	0,287	-61,659	57,350	-176,545/53,227
Abuso Físico sem Sequelas	-1,717	56	0,091	-89,457	52,090	-193,807/14,892
Coerção Sexual	-2,380	56	0,021	-57,674	24,235	-106,223/-9,126

Tabela 50. Teste T-Student para Amostras Independentes (Variável Independente: gênero) – Vitimização da prevalência

	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferenças médias	Erro Padrão da diferença	95% de intervalo de confiança Inferior/Superior
Negociação	0,392	56	0,697	19,380	49,485	-79,750/118,509
Agressão Psicológica	-1,552	56	0,126	-79,930	50,873	-180,841/22,980

Abuso Físico sem Sequelas	-1,391	14,451	0,185	-120,775	86,802	-306,404/64,854
Coerção Sexual	-1,133	14,897	0,275	-46,047	40,629	-132,698/40,605

Tabela 51. Teste T-Student para Amostras Independentes (Variável Independente: político/voluntário) – Perpetração da prevalência

	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferenças médias	Erro Padrão da diferença	95% de intervalo de confiança Inferior/Superior
Negociação	-2,116	30,299	0,043	-98,012	46,319	-192,569/-3,456
Agressão Psicológica	-1,201	56	0,235	-61,487	51,207	-164,059/41,103
Abuso Físico sem Sequelas	-1,202	56	0,234	-56,770	47,234	-151,391/37,851
Coerção Sexual	-0,306	56	0,761	-6,957	22,745	-52,520/38,607

Tabela 52. Análise descritiva da tática Negociação (Perpetração da Prevalência) – políticos(as)/voluntários(as)

	Média	Desvio padrão
Políticos(as)	439,13	203,91
Voluntários(as)	53,14	108,70

Tabela 53. Teste T-Student para Amostras Independentes (Variável Independente: político/voluntário) – Vitimização da prevalência

	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferenças médias	Erro Padrão da diferença	95% de intervalo de confiança Inferior/Superior
Negociação	-1,144	33,011	0,261	-55,031	48,109	-152,909/42,847
Agressão Psicológica	-1,341	56	0,185	-61,394	45,776	-153,095/30,308
Abuso Físico sem Sequelas	-0,972	56	0,335	-48,075	49,467	-147,169/51,020
Coerção Sexual	-0,888	56	0,378	-21,242	23,926	-69,172/26,688

3. Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC-HIS)

Tabela 54. Análise descritiva dos itens da História 1

	Média	Desvio padrão
H1-1	1,10	0,342
H1-2	1,16	0,400
H1-3	1,13	0,334
H1-4	1,09	0,291
H1-5	1,16	0,370
H1-6	1,64	0,876
H1-7	1,06	0,234
H1-8	1,28	0,543
H1-9	1,10	0,342

H1-10	1,14	0,379
-------	------	-------

Tabela 55. Teste T-Student para Amostras Independentes (Variável Independente: género e político/voluntário) – História 1

	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferenças médias	Erro Padrão da diferença	95% de intervalo de confiança Inferior/Superior
Género	-1,309	85	0,194	-0,810	0,618	-2,039/0,420
Político/Voluntário	1,285	51,565	0,204	-0,757	0,589	-0,425/1,938

Tabela 56. Análise descritiva dos itens da História 2

	Média	Desvio padrão
H2-1	1,34	,502
H2-2	1,31	,513
H2-3	1,32	,517
H2-4	1,43	,640
H2-5	1,50	,682
H2-6	1,45	,643
H2-7	1,30	,531
H2-8	1,93	,887
H2-9	1,25	,463
H2-10	1,44	,604

Tabela 57. Teste T-Student para Amostras Independentes (Variável Independente: género e político/voluntário) – História 2

	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferenças médias	Erro Padrão da diferença	95% de intervalo de confiança Inferior/Superior
Género	-0,936	84	0,352	-1,049	1,121	-3,278/1,180
Político/Voluntário	-0,028	84	0,977	-0,028	0,98	-1,987/1,931

Tabela 58. Análise descritiva dos itens da História 3

	Média	Desvio padrão
H3-1	1,29	,548
H3-2	1,69	,752
H3-3	1,21	,486
H3-4	1,13	,334
H3-5	1,20	,427
H3-6	1,28	,564
H3-7	1,22	,468
H3-8	1,18	,418
H3-9	1,16	,370

Jovens pertencentes a juventudes políticas/partidos políticos e jovens voluntários: Um olhar sobre a violência entre parceiros íntimos
Ana Isabel Martins de Carvalho (e-mail: ana5a@hotmail.com) 2018

H3-10	1,16	,370
-------	------	------

Tabela 59. Teste T-Student para Amostras Independentes (Variável Independente: gênero e político/voluntário) – História 3

	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferenças médias	Erro Padrão da diferença	95% de intervalo de confiança Inferior/Superior
Gênero	-2,599	27,090	0,015	-2,409	0,927	-4,311/-0,508
Político/Voluntário	0,086	85	0,932	0,062	0,725	-1,379/1,503

Tabela 60. Análise descritiva dos itens da História 3 - Gênero

	Média		Desvio padrão	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
H3-1	1,21	1,52	0,481	0,680
H3-2	1,61	1,95	0,699	0,865
H3-3	1,12	1,48	0,329	0,750
H3-4	1,08	1,29	0,267	0,463
H3-5	1,17	1,29	0,414	0,463
H3-6	1,20	1,52	0,503	0,680
H3-7	1,17	1,38	0,414	0,590
H3-8	1,14	1,33	0,388	0,483
H3-9	1,12	1,29	0,329	0,463
H3-10	1,16		0,329	0,463
Total	11,92	14,33	2,86	3,30

Tabela 61. Teste T-Student para Amostras Independentes (Variável Independente: gênero e político/voluntário) – Total Histórias

	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferenças médias	Erro Padrão da diferença	95% de intervalo de confiança Inferior/Superior
Gênero	-1,914	84	0,059	-4,305	2,249	-8,777/0,168
Político/Voluntário	0,413	84	0,681	0,829	2,007	-3,162/4,820

4. Influência da faixa etária, zona de residência, e estudantes-trabalhadores em relação às RS da VPI

4.1 Faixa etária

Tabela 62. Teste Anova One-way (Faixa Etária) – RS da VPI

	Soma dos Quadrados	df	Quadrado médio	F	Sig.
Fator Ativação	19,011	2	9,506	0,254	0,777
Fator Manutenção	48,556	2	24,278	0,920	0,402

Jovens pertencentes a juventudes políticas/partidos políticos e jovens voluntários: Um olhar sobre a violência entre parceiros íntimos

Ana Isabel Martins de Carvalho (e-mail: ana5a@hotmail.com) 2018

Fator Resolução	3,147	2	1,574	,064	,938
História 1	31,017	2	15,509	2,619	0,079
História 2	34,450	2	17,225	0,862	0,426
História 3	16,789	2	8,395	0,769	0,467

4.2 Zona de residência

Tabela 63. Teste Anova One-way (Zona de residência) – RS da VPI

	Soma dos Quadrados	df	Quadrado médio	F	Sig.
Fator Ativação	55,283	2	27,641	,850	,431
Fator Manutenção	2,249	2	1,124	,043	,957
Fator Resolução	,806	2	,403	,016	,984
História 1	3,715	2	1,858	,349	,707
História 2	1,906	2	,953	,048	,953
História 3	8,977	2	4,488	,408	,666

4.3 Estudantes-trabalhadores

Tabela 64. Teste T-Student para Amostras Independentes (Variável Independente: estudantes-trabalhadores(as) – RS da VPI

	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferenças médias	Erro Padrão da diferença	95% de intervalo de confiança Inferior/Superior
Fator Ativação	84	,011	3,496	1,346	,819	,819/6,173
Fator Manutenção	84	,027	2,581	1,148	,297	0,297/4,864
Fator Resolução	84	,038	2,318	1,098	,134	,134/4,502
História 1	84	,949	,037	,572	-1,100	-1,100/1,174
História 2	83	,620	,511	1,026	-1,529	-1,529/2,551
História 3	84	,757	-,235	,757	-1,741	-1,741/1,272

Tabela 65. Análise descritiva dos itens do Fator Ativação –

Estudantes/Trabalhadores

	Média	Desvio padrão
	Estudantes/Trabalhadores	Estudantes/Trabalhadores
QVC-A1	2,74/3,07	0,720/0,651
QVC-A2	2,46/2,59	0,927/0,825
QVC-A3	2,14/2,86	0,789/0,743
QVC-A4	2,79/2,93	0,901/0,884
QVC-A5	2,11/2,24	0,795/0,951

Jovens pertencentes a juventudes políticas/partidos políticos e jovens voluntários: Um olhar sobre a violência entre parceiros íntimos
Ana Isabel Martins de Carvalho (e-mail: ana5a@hotmail.com) 2018

QVC-A6	2,63/2,79	0,771/0,774
QVC-A7	2,56/2,79	0,866/0,865
QVC-A8	2,14/2,14	0,743/0,743
QVC-A9	2,00/2,28	0,756/0,841
QVC-A10	2,61/2,90	0,750/0,900
QVC-A11	2,77/2,97	0,780/0,865
QVC-A12	2,95/3,41	0,875/0,568
QVC-A13	2,67/2,93	0,831/0,753
QVC-A14	1,67/1,59	0,873/0,682
Total	34,13/37,72	6,41/4,71

Tabela 66. Análise descritiva dos itens do Fator Manutenção – Estudantes/Trabalhadores

	Média	Desvio padrão
	Estudantes/Trabalhadores	Estudantes/Trabalhadores
QVC-M1	3,39/3,66	0,559/0,484
QVC-M2	3,16/3,48	0,591/0,634
QVC-M3	2,65/2,83	0,719/0,848
QVC-M4	2,61/3,17	0,99/0,711
QVC-M5	2,93/3,21	0,728/0,675
QVC-M6	2,72/2,86	0,701/0,875
QVC-M7	2,84/3,03	0,797/0,499
QVC-M8	3,18/3,38	0,782/0,77
QVC-M9	2,72/2,83	0,861/0,966
QVC-M10	2,72/2,72	0,774/0,751
QVC-M11	2,70/2,97	0,755/0,731
QVC-M12	2,96/3,10	0,654/0,557
QVC-M13	3,28/3,17	0,648/0,602
QVC-M14	2,46/3,17	0,709/0,688
Total	40,16/42,90	4,94/5,03

Tabela 67. Análise descritiva dos itens do Fator Resolução – Estudantes/Trabalhadores

	Média	Desvio padrão
	Estudantes/Trabalhadores	Estudantes/Trabalhadores
QVC-R1	3,26/3,62	0,613/0,622
QVC-R2	3,28/3,62	0,675/0,622
QVC-R3	3,61/3,83	0,491/0,384
QVC-R4	3,05/3,24	0,789/0,636
QVC-R5	3,58/3,97	0,625/0,186
QVC-R6	2,65/2,72	0,916/0,996
QVC-R7	3,19/3,41	0,667/0,628
QVC-R8	2,30/2,62	0,865/0,903
QVC-R9	3,35/3,38	0,719/0,677
QVC-R10	2,77/2,66	0,802/0,936
QVC-R11	2,88/2,76	0,888/0,951
QVC-R12	2,60/2,83	0,799/0,711
QVC-R13	3,32/3,31	0,572/0,660

QVC-R14	3,70/3,90	0,566/0,310
Total	43,46/45,86	5,06/4,32

5. Influência do género em relação à utilização de táticas de resolução de conflitos

Tabela 68. Teste T-Student para Amostras Independentes (Variável Independente: género)

	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferenças médias	Erro Padrão da diferença	95% de intervalo de confiança Inferior/Superior
Perpetração - Negociação	0,992	56	0,325	2,316	2,335	-2,361/6,993
Perpetração - Agressão Psicológica	-0,098	56	0,923	-0,216	2,206	-4,634/4,203
Perpetração - Abuso Físico sem Sequelas	-1,220	56	0,228	1,307	1,072	-3,454/0,840
Perpetração - Coerção Sexual	-1,509	16,186	0,151	-1,181	0,783	-2,840/0,477
Vitimização – Negociação	1,235	56	0,222	3,042	2,462	-1,891/7,975
Vitimização – Agressão Psicológica	-0,508	56	0,614	-0,864	1,701	-4,271/2,544
Vitimização – Abuso Físico sem Sequelas	-1,185	16,727	0,252	-1,608	1,356	-4,473/1,258
Vitimização – Coerção Sexual	-0,997	56	0,323	-0,780	0,782	-2,346/0,787

6. Correlações entre as RS da VPI e a utilização de táticas de resolução de conflitos

Tabela 69. Relação entre as RS da VPI (QVC-Fatores e QVC-Histórias) e as táticas de resolução de conflitos (CTS-2) (Correlações P de Pearson)

	QVC_Fatores Total	Fator Ativação	Fator Manutenção	Fator Resolução	Histórias Total	História 1	História 2	História 3
CTS_Total	-0,024	,118	-,087	-,120	0,088	0,099	0,024	0,135
Perpetração_Total	-0,017	0,088	-0,080	-0,071	0,026	0,035	-0,033	0,091
Vitimização_Total	-0,030	0,143	-0,089	-0,165	0,148	0,162	0,083	0,173
Perpetração - Negociação	0,046	0,132	-0,009	-0,039	-0,148	-0,122	-0,150	-0,113
Perpetração - Agressão	-0,071	0,004	-0,092	-0,090	0,113	0,143	0,061	0,122

Jovens pertencentes a juventudes políticas/partidos políticos e jovens voluntários: Um olhar sobre a violência entre parceiros íntimos
Ana Isabel Martins de Carvalho (e-mail: ana5a@hotmail.com) 2018

Psicológica								
Perpetração - Abuso Físico sem Sequelas	0,006	0,090	-0,092	0,000	0,137	0,111	0,047	0,231
Perpetração - Coerção Sexual	-0,010	-0,020	-0,029	0,030	0,023	-0,040	-0,040	0,150
Vitimização – Negociação	0,108	0,194	0,069	-0,041	-0,125	-0,157	-0,113	-0,073
Vitimização – Agressão	-0,198	-0,091	-0,226	-0,157	0,206	0,262*	0,155	0,159
Vitimização – Abuso Físico sem Sequelas	0,036	0,223	-0,055	-0,132	0,306*	0,338**	0,177	0,348**
Vitimização – Coerção Sexual	-0,037	0,031	-0,079	-0,050	0,193	0,255	0,103	0,200

A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades)..*

A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades)..*

Tabela 70. Relação entre as RS da VPI (QVC-Fatores e QVC-Histórias) e as táticas de resolução de conflitos (CTS-2) (Correlações - Spearman)

	QVC_Fatores	Fator	Fator	Fator	Histórias	História		
	Total	Ativação	Manutenção	Resolução	Total	História 1	2	História 3
CTS_Total	-0,041	0,104	-0,082	-0,114	0,000	-0,005	0,01	-0,051
Perpetração_Total	-0,049	0,033	-0,080	-0,060	-0,046	-0,065	-0,032	-0,067
Vitimização_Total	-0,048	0,150	-0,099	-0,157	0,060	0,047	0,084	-0,029
Perpetração - Negociação	0,018	0,116	-0,042	-0,003	-0,176	-0,188	-0,122	-0,220
Perpetração - Agressão	-0,081	-0,023	-0,110	-0,061	-0,155	0,200	0,094	0,153
Perpetração - Abuso Físico sem Sequelas	0,031	0,147	-0,004	-0,029	0,258	0,269*	0,180	0,282*
Perpetração - Coerção Sexual	-0,050	-0,172	-0,111	0,060	-0,033	-0,036	-0,036	-0,063
Vitimização – Negociação	0,075	0,157	0,046	-0,015	-0,182	-0,221	-0,114	-0,242
Vitimização – Agressão	-0,190	-0,111	-0,228	-0,118	0,259*	0,316*	0,200	0,192
Vitimização – Abuso Físico sem Sequelas	0,022	0,144	-0,007	-0,107	0,281*	0,261*	0,208	0,280*

Vitimização – Coerção Sexual	-0,085	0,001	-0,193	-0,073	0,127	0,215	0,084	0,041
---------------------------------	--------	-------	--------	--------	-------	-------	-------	-------

A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).*

A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).*

7. Influência de pertencer a uma juventude partidária/partido político e de ser voluntário, na utilização de táticas de resolução de conflitos

Tabela 71. Teste T-Student para Amostras Independentes (Variável Independente: género)

	t	df	Sig (2 extremidades)	Diferenças médias	Erro Padrão da diferença	95% de intervalo de confiança Inferior/Superior
Perpetração - Negociação	1,466	56	0,148	3,034	2,069	-1,111/7,178
Perpetração - Agressão Psicológica	-0,706	56	0,483	-1,388	1,966	-5,325/2,550
Perpetração - Abuso Físico sem Sequelas	0,155	56	0,878	0,150	0,972	-1,796/2,097
Perpetração - Coerção Sexual	1,198	34,394	0,239	0,673	0,562	-0,468/1,815
Vitimização – Negociação	1,859	56	0,068	4,030	2,168	-0,314/8,373
Vitimização – Agressão Psicológica	-0,082	56	0,935	-0,125	1,526	-3,182/2,931
Vitimização – Abuso Físico sem Sequelas	-1,023	56	0,311	-0,940	0,919	-2,782/0,901
Vitimização – Coerção Sexual	0,866	56	0,390	0,607	0,701	-0,798/2,013

8. Correlações entre as variadas táticas de resolução de conflitos - perpetração e vitimização

Tabela 72. Relação entre as diversas táticas de resolução de conflitos (CTS-2) (Correlações – P de Pearson: Perpetração-Vitimização e Vitimização-Vitimização)

Perpetração Total	Vitimização Total	Vitimização Negociação	Vitimização		
			Vitimização Agressão Psicológica	Abuso Físico sem Sequelas	Vitimização Coerção Sexual
	0,892**	0,580**	0,757**	0,626**	

Jovens pertencentes a juventudes políticas/partidos políticos e jovens voluntários: Um olhar sobre a violência entre parceiros íntimos
Ana Isabel Martins de Carvalho (e-mail: ana5a@hotmail.com) 2018

Perpetração_Total						0,371**
Vitimização_Total			0,726**	0,703**	0,688**	0,471**
Perpetração - Negociação	0,696**	0,761**	0,891**	0,266*	0,348**	0,166
Perpetração - Agressão Psicológica	0,795**	0,581**	0,104	0,838**	0,466**	0,303*
Perpetração - Abuso Físico sem Sequelas	0,788**	0,654**	0,258	0,673**	0,681**	0,225
Perpetração - Coerção Sexual	0,260*	0,205	-0,077	0,213	0,219	0,492**
Vitimização – Negociação	0,669**	0,726**		0,150	0,272*	0,016
Vitimização – Agressão Psicológica	0,752**	0,703**			0,460**	0,419**
Vitimização – Abuso Físico sem Sequelas	0,626**	0,688**				0,348**
Vitimização – Coerção Sexual	0,371**	0,471**				

A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).*

A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).*

**Tabela 73. Relação entre as diversas táticas de resolução de conflitos (CTS-2)
(Correlações – P de Pearson: Perpetração-Perpetração)**

	Vitimização Total	Perpetração			
		Perpetração Negociação	Perpetração Agressão Psicológica	Perpetração Abuso Físico sem Sequelas	Perpetração Coerção Sexual
Perpetração_Total		0,696**	0,795**	0,788**	0,260**
Perpetração - Negociação			0,201	0,306*	-0,077
Perpetração - Agressão Psicológica				0,681**	0,182
Perpetração - Abuso Físico sem Sequelas					0,237
Perpetração - Coerção Sexual					

A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).*

Jovens pertencentes a juventudes políticas/partidos políticos e jovens voluntários: Um olhar sobre a violência entre parceiros íntimos
Ana Isabel Martins de Carvalho (e-mail: ana5a@hotmail.com) 2018

**Tabela 74. Relação entre as diversas táticas de resolução de conflitos (CTS-2)
(Correlações – Spearman: Perpetração-Vitimização e Vitimização-Vitimização)**

	Perpetração Total	Vitimização Total	Vitimização Negociação	Vitimização Agressão Psicológica	Vitimização Abuso Físico sem Sequelas	Vitimização Coerção Sexual
Perpetração_Total		0,830**	0,570**	0,618**	0,540**	0,275*
Vitimização_Total			0,756**	0,520**	0,582*	0,310*
Perpetração - Negociação			0,881**	0,113	0,651**	0,046
Perpetração - Agressão Psicológica			-0,010	0,910	0,474	0,341
Perpetração - Abuso Físico sem Sequelas			0,111	0,572	0,772	0,171
Perpetração - Coerção Sexual			-0,128	0,227	0,010	0,473**
Vitimização – Negociação				-0,002	0,253	-0,088
Vitimização – Agressão Psicológica					0,472**	0,423**
Vitimização – Abuso Físico sem Sequelas						0,115
Vitimização – Coerção Sexual						

A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).*

A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).*

**Tabela 75. Relação entre as diversas táticas de resolução de conflitos (CTS-2)
(Correlações – Spearman: Perpetração-Perpetração)**

	Vitimização Total	Perpetração Negociação	Perpetração Agressão Psicológica	Perpetração Abuso Físico sem Sequelas	Perpetração Coerção Sexual
Perpetração_Total		0,719**	0,680**	0,562**	0,171
Perpetração - Negociação			0,092	0,208	-0,123

Perpetração - Agressão Psicológica	0,623**	0,213
Perpetração - Abuso Físico sem Sequelas		0,110
Perpetração - Coerção Sexual		

A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades)..

Anexo III: Protocolo

Declaração de consentimento Informado

Este estudo, “Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos numa amostra de jovens”, insere-se num projeto de investigação sobre vivências entre parceiros íntimos em Portugal, envolvendo, mais especificamente, jovens com uma evidente ação cívica, como é o caso daqueles pertencentes a juventudes políticas.

Todas as dúvidas e/ou questões que possa ter em relação à sua participação neste projeto podem e devem ser colocadas diretamente ao investigador que se encontra consigo/o contactou. A sua participação é, no entanto, absolutamente voluntária, podendo inclusivamente, se assim o entender, desistir a qualquer momento.

Caso concorde em participar é importante que responda de uma forma sincera e espontânea, não deixando nenhuma questão por responder.

Se desejar, poderá solicitar posteriormente informação sobre o seu desempenho.

Os resultados assim obtidos são estritamente confidenciais, sendo apenas utilizados para os fins desta investigação

Atenciosamente

(Ana Isabel Carvalho;
ana5a@hotmail.com)

(Maria Madalena de Carvalho;
madacarvalho@fpce.uc.pt)

Eu,

declaro ter sido informado da natureza e dos procedimentos da presente investigação, bem como das garantias de anonimato e confidencialidade. Assim, aceito responder ao protocolo que me foi apresentado.

___ de _____ de 20__

(Rubrica)

**Questionário de Dados Sociodemográficos e
Complementares**

1. Idade: _____ anos
2. Sexo: M F
3. Nacionalidade: _____
4. Estado civil: _____
5. Zona de residência: _____

6.

6.1 Assinale com um quanto à sua afiliação religiosa:

<p>Não Crente</p> <p>(Não crente em Deus)</p>	
---	--

<p>Crente</p> <p>Católico</p>	<p>Praticante</p>	<p>Não</p> <p>Praticante</p>

<p>Crente de</p> <p>outra religião</p>	<p>Praticante</p>	<p>Não</p> <p>Praticante</p>

Se assinalo “*Crente de outra religião*”, qual?

6.1.2. Caso tenha assinalado com “*Crente Católico*” ou “*Crente de Outra Religião*”, por favor classifique as seguintes afirmações quanto à frequência, grau de importância e grau de concordância respetivamente.

- Freqüente atividades religiosas:

Mais que uma vez por semana	Uma vez por semana	Pelo menos uma vez por mês	Uma ou duas vezes no ano	Nunca

- A religião é uma parte importante da minha vida:

Extrema mente importante	Muito importante	Razoavelmente importante	Pouco importante	Nada importante

7. Profissão: _____

7.1 Há quanto tempo exerce a sua profissão?

7.2 Caso a sua profissão seja “*estudante*” indique:

7.2.1 Qual é o curso que está a frequentar:?

7.2.2 Ano que está a frequentar:

8. Anos de escolaridade do seu Pai:

9. Anos de escolaridade da sua Mãe:

10. Profissão do seu Pai:

11. Profissão da sua Mãe:

12. Integra algum movimento social/cívico/de cidadania (de voluntariado ou outro)?

12.1 Qual?/Quais?

12.2 Há quanto tempo?

13. É militante de alguma Juventude Política?

13.1 Qual?/Quais?

13.2 Há quanto tempo?

**Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e
Resolução (QVC_CMR)**

(Alarcão, M., Alberto, I., Camelo, A., Correia, A., 2007)

A violência conjugal é um problema social sobre o qual cada um de nós, enquanto membros de uma comunidade, vai refletindo e formulando algumas opiniões. Vai encontrar, seguidamente, um conjunto de afirmações relativas aos fatores que podem explicar o aparecimento da violência e a sua manutenção, bem como de fatores que podem contribuir para o seu desaparecimento. Pedimos-lhe que, para cada uma delas, nos indique o seu grau de concordância, usando a seguinte escala: 1 “discordo totalmente”, 2 “discordo”, 3 “concordo”, 4 “concordo totalmente”.

Discordo totalmente 1	Discordo 2	Concordo 3	Concordo totalmente 4
-----------------------------	---------------	---------------	-----------------------------

1. A violência conjugal é devida a:

1 2 3 4

	1	2	3	4
1. Consumos de álcool ou drogas por parte do agressor				
2. Aceitação social da violência				
3. Luta de poder entre os membros do casal				
4. Baixa auto-estima do agressor				
5. Doença mental da vítima				
6. Dificuldades económicas do casal/família				
7. Fragilidade emocional da vítima				
8. Interferência de outros familiares				
9. Problemas/dificuldades criadas pelos filhos				
10. Relações extra-conjugais do agressor e/ou da vítima				
11. Antecedentes de violência na família de origem do agressor e/ou da vítima				

12. Doença mental do agressor				
13. Isolamento social do casal/família				
14. Comportamento provocador da vítima				

Discordo totalmente 1	Discordo 2	Concordo 3	Concordo totalmente 4
-----------------------------	---------------	---------------	-----------------------------

2. O que mais contribui para a manutenção da violência

conjugal é:

1 2 3 4

1. Ausência de denúncia da violência conjugal				
2. Falta de confiança na eficácia da justiça				
3. Valorização da união familiar				
4. Existência de filhos				
5. Isolamento social da vítima e/ou da família				
6. Falta de conhecimentos da vítima sobre como pedir ajuda				
7. Ambivalência da vítima face ao agressor				
8. Medo de retaliações por parte da vítima				
9. Desconhecimento da vítima relativamente aos seus direitos				
10. Ameaça de suicídio por parte do agressor				
11. Ausência de respostas sociais para a vítima				
12. Ternura do agressor fora dos momentos de violência				
13. Promessas de mudança por parte do agressor				
14. Interferência de outros familiares				

3. O mais importante para pôr fim à violência é:

1 2 3 4

1. Afastar o agressor				
2. Condenar mais agressores				
3. Estimular a denúncia das situações de violência				

4. Estimular a separação/ divórcio do casal				
5. Proteger a vítima e os filhos, se os houver				
6. Mudar o comportamento da vítima				
7. Tratar o agressor				
8. Tratar o casal				
9. Informar mais a população geral sobre as consequências da violência conjugal				
10. Melhorar as condições socio-económicas das famílias				
11. Aumentar os direitos da mulher				
12. Aumentar os tempos de lazer das famílias				
13. A vítima ter ajuda de familiares, amigos, vizinhos				
14. Sensibilizar/educar os jovens, na escola, para que não aceitem a violência na relação de namoro ou de casal				

CTS-2

The Revised Conflict Tactic Scales

MURRAY A. STRAUS

Independentemente de duas pessoas se darem bem, há alturas em que discutem, ficam aborrecidas uma com a outra, pretendem coisas diferentes uma da outra, ou têm brigas apenas porque estão de mau humor, cansadas ou por qualquer outra razão. As pessoas tentam, também, resolver de formas diversas as suas diferenças.

A seguir, encontrará uma lista de situações que podem acontecer quando duas pessoas discordam de qualquer coisa. Considere o seguinte:

- Assinale quantas vezes aconteceu, de há um ano para cá, na sua relação atual, cada uma das situações identificadas (na

escala de 1 a 6);

-Se além de ter vivido as referidas situações na sua relação atual, também as viveu noutra relação (ou noutras relações) deve assinalar um valor de 1 a 6 para classificar a quantidade de vezes que isso aconteceu na sua relação atual, e deve assinalar a letra A para classificar essas vivências na(s) relação(ões) passada(s);

- Se só viveu essas situações noutra relação (ou noutras relações) deve assinalar apenas a letra A;

- Se as situações identificadas nos itens nunca aconteceram, ou nunca teve uma relação a que se possa reportar, deve assinalar o valor “0”.

Indique relativamente à sua relação atual, a sua data de início:

Quantas vezes isto aconteceu?

- 1 = Uma vez, de há um ano para cá
 2 = 2 vezes, de há um ano para cá
 3 = 3-5 vezes, de há um ano para cá
 4 = 6-10 vezes, de há um ano para cá
 5 = 11-20 vezes, de há um ano para cá
 6 = Mais de 20 vezes, de há um ano para cá
 A = Isso aconteceu-me noutra(s) relação(ões)
 0 = Isso nunca aconteceu

1 2 3 4 5 6 A 0

1. Mostrei ao meu companheiro(a) que me preocupava com ele, mesmo que									
---	--	--	--	--	--	--	--	--	--

discordássemos.									
2. O meu companheiro(a) mostrou que se preocupava comigo, mesmo que discordássemos									
3. Numa discussão, expliquei ao meu companheiro(a) o meu ponto de vista									
4. O meu companheiro(a) explicou-me o seu ponto de vista numa discussão									
5. Insultei ou disse palavrões ao meu companheiro(a)									
6. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
7. Atirei ao meu companheiro(a) alguma coisa que o poderia magoar									
8. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
9. Torci o braço ou puxei o cabelo ao meu companheiro(a)									
10. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
11. Tive um entorse, pisadura, ferida ou um pequeno corte por causa de uma luta com o meu companheiro(a)									
12. O meu companheiro(a) teve um entorse, pisadura, ferida ou pequeno corte por causa de uma luta comigo									
13. Mostrei respeito pelos sentimentos do meu companheiro(a) acerca de um assunto									
14. O meu companheiro(a) mostrou respeito pelos meus sentimentos acerca de um assunto									
15. Fiz o meu companheiro(a) ter relações sexuais sem preservativo									
16. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
17. Empurrei ou apertei o meu companheiro(a)									
18. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
19. Usei a força (e.g., batendo, detendo, ou usando uma arma) para fazer com que o meu companheiro(a) tivesse sexo oral ou anal comigo									
20. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
21. Usei uma faca ou uma arma contra o meu companheiro(a)									

22. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
23. Desmaiei porque o meu companheiro(a) me atingiu na cabeça durante uma luta									
24. O meu companheiro(a) desmaiou porque eu o atingi na cabeça durante uma luta									
25. Chamei de gordo ou feio ao meu companheiro(a)									
26. O meu companheiro(a) chamou-me de gorda ou feia									
27. Esmurrei ou bati no meu companheiro(a) com algo que o poderia magoar									
28. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
29. Destruí algo que pertencia ao meu companheiro(a)									
30. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
31. Fui ao médico por causa de uma luta com o meu companheiro(a)									
32. O meu companheiro(a) foi ao médico por causa de uma luta comigo									
33. Tentei sufocar o meu companheiro(a)									
34. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
35. Gritei ou berrei ao meu companheiro(a)									
36. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
37. Atirei o meu companheiro(a) contra a parede									
38. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
39. Disse que tinha a certeza que poderíamos resolver um problema									
40. O meu companheiro(a) disse-me que tinha a certeza que poderíamos resolver um problema									
41. Precisava de ter ido ao médico, por causa de uma luta com o meu companheiro(a), mas não o fiz									
42. O meu companheiro(a) precisava de ter ido ao médico, por causa de uma luta comigo, mas não o fez									
43. Dei uma tarefa no meu companheiro(a)									

44. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
45. Agarrei à força o meu companheiro(a)									
46. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
47. Usei a força (e.g. ferindo, detendo, ou usando uma arma) para fazer com que o meu companheiro(a) tivesse relações sexuais comigo									
48. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
49. Saí abruptamente da sala, da casa ou de qualquer outro local durante um desentendimento									
50. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
51. Insisti em ter relações sexuais quando o meu companheiro(a) não queria (mas não usei força física)									
52. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
53. Dei uma bofetada ao meu companheiro(a)									
54. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
55. Tive uma fractura devido a uma luta com o meu companheiro(a)									
56. O meu companheiro(a) teve uma fractura devido a uma luta comigo									
57. Recorri a ameaças para fazer com que o meu companheiro(a) tivesse sexo oral ou anal comigo									
58. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
59. Sugeri um acordo para resolver um desentendimento									
60. O meu companheiro(a) sugeriu um acordo para resolver um desentendimento									
61. Queimei ou escaldei o meu companheiro(a) de propósito									
62. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
63. Insisti com o meu companheiro(a) para que tivéssemos sexo oral ou anal (mas não usei força física)									
64. O meu companheiro(a) fez isso comigo									

65. Acusei o meu companheiro(a) de ser um amante nojento									
66. O meu companheiro(a) acusou-me disso									
67. Fiz algo para irritar o meu companheiro(a)									
68. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
69. Ameacei ferir ou atirar alguma coisa ao meu companheiro(a)									
70. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
71. Senti uma dor física, que se manteve no dia seguinte, por causa de uma luta com o meu companheiro(a)									
72. O meu companheiro(a) sentiu dor física, que se manteve no dia seguinte, por causa de uma luta que tivemos									
73. Dei pontapés no meu companheiro(a)									
74. O meu companheiro(a) deu-me pontapés									
75. Recorri a ameaças para fazer com que o meu companheiro(a) tivesse relações sexuais comigo									
76. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
77. Concordei em tentar uma solução sugerida pelo meu companheiro(a) para um desentendimento									
78. O meu companheiro(a) concordou em tentar uma solução que eu sugeri									

Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC-HIS)

(Alarcão, M & Alberto, I., Correia, A., Camelo, A., 2007)

Este questionário integra três histórias de três casais diferentes. Em cada uma dessas histórias vai encontrar dez afirmações; pedimos-lhe que, para cada uma delas, nos indique o seu grau de concordância, usando a seguinte escala: 1 “discordo completamente”, 2 “discordo”,

Jovens pertencentes a juventudes políticas/partidos políticos e jovens voluntários: Um olhar sobre a violência entre parceiros íntimos
Ana Isabel Martins de Carvalho (e-mail: ana5a@hotmail.com) 2018

3 “concordo”, 4 “concordo completamente”. Este é um questionário de opinião, em que as suas respostas serão tratadas de forma anónima e confidencial.

Item de Exemplo:

a) No Verão a grande maioria das famílias portuguesas vai de férias para o Algarve

Discordo Completamente 1	Discordo 2	Concordo 3	Concordo Completamente 4
--------------------------------	---------------	---------------	--------------------------------

História 1

Arménio é um engenheiro chefe de 40 anos, casado com Manuela, enfermeira de 38 anos; tem dois filhos, o Marcos, com 15 anos, e a Sara, que tem 13 anos. A Manuela confidenciou a uma colega de trabalho que as coisas não andam bem na sua vida de casada. O Arménio é uma pessoa completamente diferente dentro e fora de casa. No trabalho, com os amigos e vizinhos, é muito simpático, sempre disponível; mas com ela é bastante rude: chama-lhe “ignorante” (achando que tudo o que ela diz está errado e que “dela só sai asneira”) ou deixa-a a falar sozinha e vai-se embora, dizendo-lhe que tem vergonha dela porque nem gosto tem para se vestir. Por vezes, quando a Manuela se atrasa no serviço, o Arménio chega a dar-lhe umas bofetadas porque o jantar não está feito a horas e ele, assim, não consegue chegar pontualmente às reuniões de trabalho.

A Manuela diz que os filhos não se apercebem de nada porque estes desentendimentos nunca acontecem à frente deles e ela faz por se mostrar alegre quando eles estão por perto.

Discordo Completamente 1	Discordo 2	Concordo 3	Concordo Completamente 4
--------------------------------	---------------	---------------	--------------------------------

				4
--	--	--	--	---

	1	2	3	
1. Com os estudos que tem, o Arménio é incapaz de maltratar realmente a sua mulher				
2. A Manuela queixa-se que o marido a chama de ignorante e goza com a forma como se veste mas ele só pretende que ela se comporte como boa esposa e mãe de família				
3. Se o Arménio trata mal a Manuela, é porque ela lhe dá razões para que isso aconteça				
4. Se o Arménio é uma pessoa simpática e disponível para com os outros fora de casa, será incapaz de ser violento na sua própria casa				
5. A Manuela deve guardar para si as dificuldades que tem com o marido para bem da família e, particularmente, dos filhos				
6. Se o Arménio anda mais nervoso por causa do trabalho, é provável que descarregue a sua tensão sobre a Manuela				
7. O Arménio tem alguma razão em ficar zangado e em agredir a Manuela porque ela o impede de chegar a horas às reuniões				
8. A Manuela e o Arménio são adultos responsáveis e devem resolver os problemas da violência “entre portas”, sem trazer a público estas questões privadas				
9. Uma bofetada dada num momento de zanga/tensão, não é propriamente violência conjugal				
10. É compreensível que o Arménio se passe, porque gerir o trabalho, os filhos e uma mulher que se atrasa é difícil				

História 2

A Luísa é uma mulher de 60 anos mas ainda tem muitos afazeres: trabalha na agricultura, faz umas horas por semana na limpeza de casas e, à noite, ainda tem uns trabalhos de costura. Tudo isto a cansa muito e a torna muito irritável. O António tem a mesma idade e é carpinteiro: quando chega a casa o que mais quer é poder descansar de um trabalho de que gosta mas que já começa a ser pesado. Ele já conhece a mulher que tem e tenta passar despercebido;

senão “sobra” para ele. A Luísa, quando fala para ele é sempre a ralhar, dizendo que “quem usa calças lá em casa é ela”, que ele “é um inútil”, e, por vezes, o António tem de se baixar para não “apanhar com objetos voadores” que a mulher atira quando está mais exasperada. O António diz isto a sorrir, como que a desvalorizar a situação, mas sempre vai adiantando que, por vezes, não é rápido que chegue pelo já teve de ir receber tratamento médico. Desculpa a mulher, dizendo que a vida dela nunca foi fácil pois desde pequena foi sempre uma sacrificada. Acha que, apesar de tudo, ela é uma boa mulher, pois é trabalhadora e a casa está “sempre um brinco”. Claro que gostaria de ter mimo em vez de “ralhetes e pancadaria”, mas conclui “que não se pode ter tudo” e “nesta idade, já não há que esperar muito da vida”. Por outro lado, o António refere que a Luísa só se torna “uma fera” quando está cansada com tanto trabalho: a “culpa é deste trabalho todo que é preciso fazer para se ter alguma coisita”.

Discordo Completamente 1	Discordo 2	Concordo 3	Concordo Completamente 4
--	----------------------	----------------------	--

	1	2	3	4
1. É um exagero considerar estas pequenas “batalhas” entre a Luísa e o António como um problema de violência conjugal				
2. O António faz bem em desvalorizar a violência da Luísa para não perturbar a paz familiar				
3. É pouco provável que a Luísa, idosa e cansada, consiga maltratar realmente o António. São rabugices próprias da idade				
4. O comportamento da Luísa é compreensível pois, como diz o próprio marido, ela teve sempre uma vida muito difícil				
5. Como pessoa do campo e com pouca escolaridade, é bem provável que a Luísa				

resolva as coisas pela força e não pela conversa				
6. A Luísa tem razão em zangar-se com o marido, pois trabalha bastante e ele não a ajuda nada; antes pelo contrário, dá-lhe mais trabalho				
7. O António faz bem em aguentar esta situação e em desculpar a mulher pois nesta idade é melhor fazer tudo para se manterem juntos, como casal				
8. Provavelmente a Luísa é mais agressiva com o António por causa de estar tão cansada com todo o trabalho que tem				
9. Estas zangas da Luísa com o António são usuais nesta idade; até podem provocar alguns acidentes, mas não pode dizer-se que seja uma violência séria				
10. O António é capaz de merecer alguns ralhos da mulher porque parece levar uma vida descansadinha e despreocupada				

História 3

A Deolinda tem 30 anos, é doméstica e está casada há apenas 3 anos, com o Esteves, mas não tem sido fácil manter este casamento. O Esteves tem sensivelmente a mesma idade, trabalha na construção civil e gosta de beber uns copos com os amigos, depois do trabalho, e quando chega a casa, com um bocadinho a mais de vinho, fica difícil para a Deolinda. Começa por implicar com o jantar: “se é peixe, apetecia-lhe carne, se é carne, queria peixe”! Culpa a Deolinda de fazer de propósito para o irritar, fazendo sempre o contrário do que ele pede. Quando fica mesmo descontrolado chega a bater na mulher, que se encontra grávida de 4 meses. Ela tem umas nódoas negras, “mas nunca foi preciso ir ao médico por causa das agressões”. A Deolinda continua a achar que o Esteves é uma boa pessoa, preocupado com ela e o outro filho (que tem 2 anos). É o vinho que o torna violento; “quando lhe passa a bebedeira, vem pedir desculpa, a chorar, e eu sei que é do fundo do coração”.

Discordo	Discordo	Concordo	Concordo
-----------------	-----------------	-----------------	-----------------

Completamente 1	2	3	Completamente 4
---------------------------	---	---	---------------------------

	1	2	3	4
1. A Deolinda deve tentar manter este casamento, até porque tem um filho pequeno e vai ter outro, que precisam do pai				
2. O problema é a bebida; o Esteves só se torna agressivo por causa do vinho				
3. A Deolinda devia esforçar-se por saber o que o Esteves quer para o jantar, para evitar que o marido se chateie				
4. Se a Deolinda nunca precisou de receber cuidados médicos, é porque o marido não é assim tão violento como ela diz				
5. Não admira que o Esteves bata na mulher porque é um operário com pouca instrução e sensibilidade para a questão da violência				
6. O Esteves anda muito preocupado, agora que vem aí outro filho, e isso faz com que fique mais irritado e se descontrole de vez em quando				
7. É pouco provável que o Esteves bata na Deolinda enquanto ela está grávida do seu próprio filho				
8. A Deolinda não devia andar a “publicitar” estas discussões que tem com o marido pois isso só diz respeito ao casal				
9. Se a Deolinda faz sempre o contrário do que o Esteves pede, é porque gosta de o provocar e de se sujeitar a ser agredida				
10. A Deolinda deve estar a exagerar um bocadinho nas suas histórias sobre as desavenças que tem com o Esteves e a fazer-se de vítima				

Por favor, verifique se respondeu a todas as
questões ☺